

O TRABALHO POR CONTA PRÓPRIA DO LULISMO À PESTE

Um olhar diacrônico sobre os indicadores da PNAD-C (2012-2022)



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores





Realização:

Projeto Reconexão Periferias - Fundação Perseu Abramo

Diretor responsável: Artur Henrique

Coordenação do Projeto: Paulo César Ramos

Equipe Reconexão Periferias:

Isaías Dalle, Juliana Farias, Léa Marques, Matheus Toledo, Rose Silva, Ruan Bernardo de Brito, Sofia Helena Monteiro de Toledo, Victoria Lustosa Braga e Vilma Bokany.

Diretoria Fundação Perseu Abramo

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-Presidenta: Vívian Farias

Alberto Cantalice, Artur Henrique, Carlos Henrique Árabe, Elen Coutinho, Geraldo Magela, Jéssica Italoema, Jorge Bittar e Valter Pomar.

Conselho Curador Diretoria Fundação Perseu Abramo

Dilma Rousseff (presidenta de honra), Fernando Haddad (presidente), Ana Maria de Carvalho, Ademar Arthur Chioro dos Reis, Arlete Avelar Sampaio, Azilton Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Luiz Nunes Amorim, Dilson de Moura Peixoto Filho, Eleonora Menicucci, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes, José Roberto Paludo, Laís Wendel Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho, Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto Campello, Vladimir de Paula Brito.

O TRABALHO POR CONTA PRÓPRIA DO LULISMO À PESTE

Um olhar diacrônico sobre os indicadores da PNAD-C (2012 - 2022)

Coordenação:

Jacques Mick

Universidade Federal de Santa Catarina
Laboratório de Sociologia do Trabalho

João Carlos Nogueira

Rede Brasil Afroempreendedor (Reafro)
Observatório da Rede Brasil Afroempreendedor (UFSC/Reafro)

Equipe de pesquisa:

Arland de Bruchard Costa
Tomás Barcellos



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



O TRABALHO POR CONTA PRÓPRIA DO LULISMO À PESTE

Um olhar diacrônico sobre os indicadores da PNAD-C (2012 - 2022)

Resumo:

Este é o quarto relatório parcial do projeto “Informalidade e discriminação racial e de gênero no trabalho “por conta própria” no Brasil”, pesquisa do Laboratório de Sociologia do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com a Fundação Perseu Abramo e a Rede Brasil Afroempreendedor (Reafro). O texto apresenta e analisa as transformações no trabalho por conta própria no Brasil durante três períodos: o final do ciclo do lulismo, entre 2012 e 2015; o ciclo do golpe contra o governo de Dilma Rousseff, entre 2016 e 2018; e o ciclo da peste, de 2019 a 2022, contemplando o período da Covid-19 e o mandato de Jair Bolsonaro. Os microdados provêm da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C), do IBGE. A interpretação aponta para as seguintes conclusões: o trabalho por conta própria foi fortemente afetado pelos efeitos combinados, sobre o mercado de trabalho, da instabilidade política, das mudanças na legislação trabalhista, das políticas neoliberais e da pandemia do coronavírus. Tais fenômenos produziram deterioração no conjunto do mercado de trabalho, queda na renda, intensificação e alongamento das jornadas. Paradoxalmente, tiveram redução contínua as diferenças nas rendas de homens e mulheres, pessoas negras e não-negras.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Etapa anterior desta pesquisa constatou forte efeito das desigualdades entrecruzadas de raça, gênero, renda e território sobre o trabalho por conta própria no Brasil (Mick; Nogueira, 2021a). Lendo os dados da PNAD-C do terceiro trimestre de 2019, o estudo retratou a situação dos conta própria às vésperas da pandemia de Covid-19. A etapa atual da pesquisa alarga o olhar para esse setor durante todo o período de existência da PNAD-C, com o objetivo de analisar diacronicamente o trabalho por conta própria, sob os efeitos das transformações sociopolíticas e econômicas mais recentes da sociedade brasileira. O período foi dividido em três ciclos:

a) o ciclo final do lulismo, de 2012 a 2015, marcado pelas dificuldades econômicas encontradas no segundo governo de Dilma Rousseff, agravadas pelo cenário político conflituoso posterior às manifestações de julho de 2013;

b) o ciclo do golpe, que começa em 2016, logo após a admissão do pedido de impeachment pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, e se estende até o final do mandato de Michel Temer na Presidência, em 2018, tendo a reforma trabalhista como um marco fundamental; e

c) o ciclo da peste, em que se combinaram as ações do governo de Jair Bolsonaro e os efeitos da pandemia de Covid 19 sobre o mercado de trabalho, entre o primeiro trimestre de 2019 e o primeiro trimestre de 2022.

A principal categoria analisada na pesquisa são os brasileiros que possuem como ocupação principal o trabalho por conta própria (variável V4012 da PNAD-C), ou seja, que não possuem patrão, nem empregados. Há trabalhadores que possuem como segunda ou terceira ocupação um trabalho por conta própria, mas estes não fazem parte do relatório. Como instrumento de comparação, foi utilizado o universo de pessoas ocupadas.

A partir da definição do período e da principal variável analisada, foram utilizadas outras cinco variáveis disponíveis na PNAD-C, que definem recortes específicos do trabalho por conta própria. São elas:

a) Sexo (V2007);

b) Raça/cor (V2010);

c) Renda média (V403312);

d) Horas trabalhadas na semana no trabalho principal (V4039); e

e) Massa de renda, equivalente à relação entre renda média e total de trabalhadores.as.

Os 87 gráficos que compõem o trabalho (75 no corpo do relatório e os demais, em anexo1) têm o eixo X equivalente ao período analisado e o eixo Y representando categorias que

permitem ver, ao longo do tempo, desigualdades de raça/cor e sexo, assim como identificar tendências do mercado de trabalho brasileiro nos períodos analisados.

O capítulo único do relatório foca o comportamento do mercado de trabalho no período e é composto de três partes: na primeira se observam os indicadores gerais do mercado; na segunda, as especificidades do trabalho por conta própria; na terceira, compara-se a jornada de trabalho no total do mercado e nos conta própria. Uma seção final apresenta a síntese das descobertas em diálogo com etapas anteriores do estudo e a bibliografia sobre o tema; além disso, aponta tópicos para a continuidade da investigação.

1. O COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO

1.1 Indicadores gerais do mercado de trabalho

O número de trabalhadores no Brasil subiu de 87,6 milhões para 95,3 milhões entre o primeiro trimestre de 2012 e o primeiro trimestre de 2022. No ciclo final do lulismo, o volume de trabalhadores cresceu continuamente (Gráfico 1), enquanto os ciclos posteriores foram marcados por fortes quedas pontuais no tamanho da força de trabalho: durante todo o ano de 2016, no primeiro trimestre de 2018 e no primeiro ano da pandemia de Covid-19 (Gráficos 2 e 3).

Gráfico 1 - Quantidade de trabalhadores (milhões - 2012-2015)



Gráfico 2 - Quantidade de trabalhadores (milhões - 2016-2018)**Gráfico 3 - Quantidade de trabalhadores (milhões - 2019-2022)**

O percentual de homens e mulheres na força de trabalho permaneceu estável comparando 2012 com 2022 (cerca de 57% para homens e 43% para mulheres). Ao longo dos ciclos analisados neste estudo, as curvas de saída e retorno do mercado de trabalho não sugerem significativa variação por gênero (Gráficos 4 a 6).

Gráfico 4 - Quantidade de trabalhadores por sexo (milhões - 2012-2015)



Gráfico 5 - Quantidade de trabalhadores por sexo (milhões - 2016-2018)

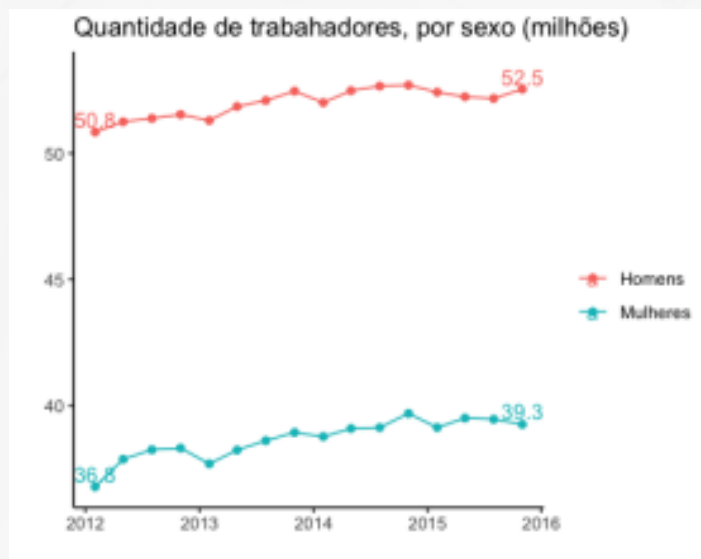


Gráfico 6 - Quantidade de trabalhadores por sexo (milhões - 2019-2022)



Não é o que se observa no que se refere à presença de pessoas negras e brancas. No fim do ciclo lulista, em 2015, haviam entrado no mercado de trabalho mais 3,7 milhões de pessoas negras que em 2012, enquanto o número de pessoas brancas permaneceu estável (Gráfico 7). O número de trabalhadores negros permaneceu crescendo no ciclo do golpe até alcançar 50 milhões no fim de 2018 e o número de brancos caiu para 42,7 milhões (Gráfico 8). Mais pessoas brancas do que negras saíram do mercado nas retrações de 2016 e 2018. O ciclo da peste alterou essa dinâmica: mais pessoas negras foram afetadas pela pandemia em 2020 e a retomada de empregos foi um pouco mais lenta para negros que para brancos (Gráfico 9). Ao fim do ciclo, o total de trabalhadores brancos havia voltado ao patamar de 44 milhões, enquanto o total de negros havia chegado a 52 milhões – 7,5 milhões a mais que uma década antes. Parte dessa diferença pode ser explicada pelo aumento na autodeclaração de pretos e pardos, fenômeno constatado em vários levantamentos estatísticos do IBGE.

Gráfico 7 - Quantidade de trabalhadores por raça-cor (milhões - 2012-2015)



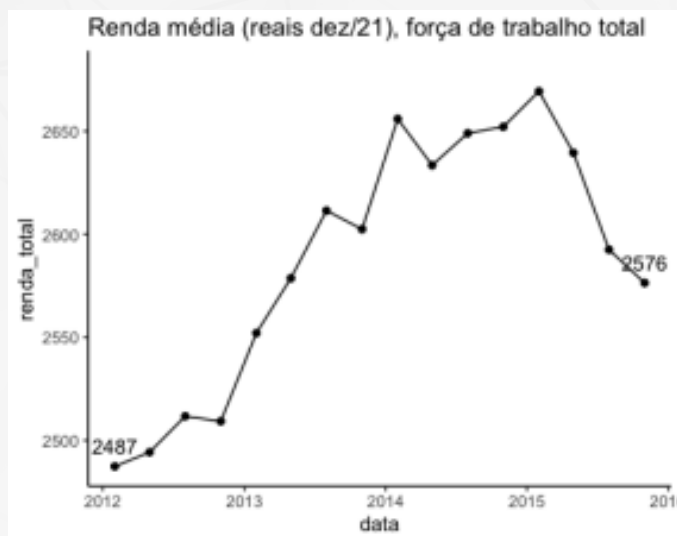
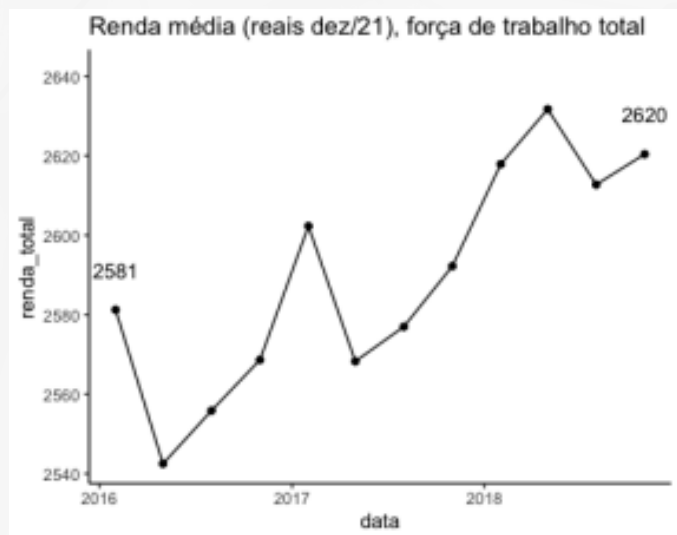
Gráfico 8 - Quantidade de trabalhadores por raça-cor (milhões - 2016-2018)



Gráfico 8 - Quantidade de trabalhadores por raça-cor (milhões - 2016-2018)

O crescimento na força de trabalho foi acompanhado de fortes flutuações na renda média. Depois de terem chegado a um pico no primeiro trimestre de 2015 (logo após a posse de Dilma Rousseff em seu segundo mandato), os rendimentos do trabalho registraram forte declínio até a metade de 2016 (Gráficos 10 e 11). A renda média voltou a crescer até meados de 2020, quando alcançou o ponto mais alto da série histórica, declinando até o ponto mais baixo da série nos cinco trimestres seguintes. O ano de 2021 terminou com muita gente trabalhando (quase 96 milhões de brasileiros, Gráfico 3), mas com a menor renda média registrada, pouco mais de R\$ 2.400,00 (Gráfico 12).

Gráfico 10 - Renda média da força de trabalho total (reais dez/21 - 2012-2015)

Gráfico 11 - Renda média da força de trabalho total (reais dez/21 - 2016-2018)**Gráfico 12 - Renda média da força de trabalho total (reais dez/21 - 2019-2022)**

A distribuição da renda média por gênero no período também guarda diferenças nos três ciclos analisados. Ao final do ciclo lulista, as mulheres haviam diminuído em quatro pontos percentuais a diferença de renda média para os homens – de 73% para 77% entre 2012 e 2015 (Gráficos 13 e 16). Nos dois ciclos seguintes, a diferença continuou a se reduzir, mas sem configurar uma tendência. Em 2020, com a pandemia, as mulheres ganhavam 81% da renda média dos homens: ou seja, a queda geral de renda produziu a diminuição da diferença entre as remunerações por sexo (Gráficos 15 e 18).

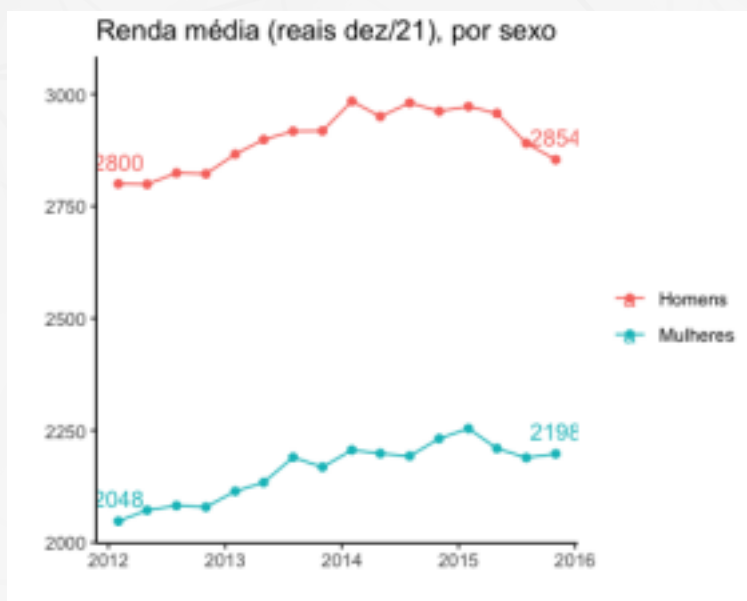
Gráfico 13 - Renda média da força de trabalho total por sexo (reais dez/2021 - 2012-2015)**Gráfico 14 - Renda média da força de trabalho total por sexo (reais dez/2021 - 2016-2018)**

Gráfico 15 - Renda média da força de trabalho total por sexo (reais dez/2021 - 2019-2022)

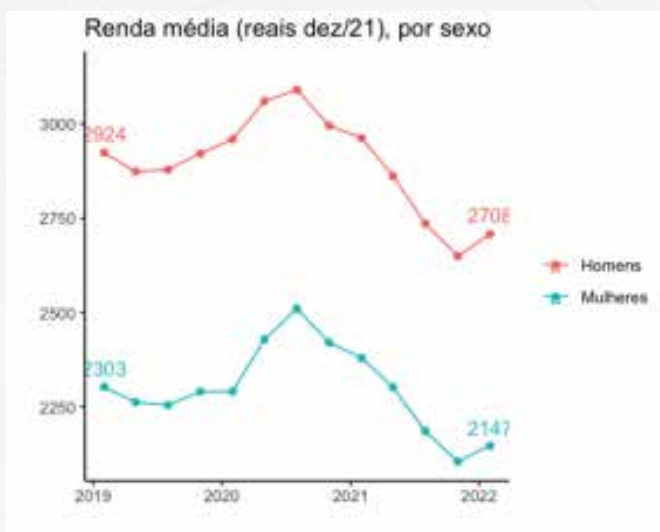


Gráfico 16 - Diferença entre renda de mulheres e homens (% - 2012-2015)

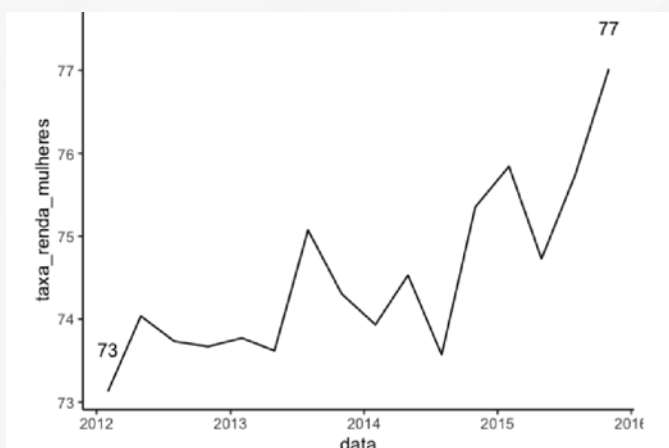


Gráfico 17 - Diferença entre renda de mulheres e homens (% - 2016-2018)

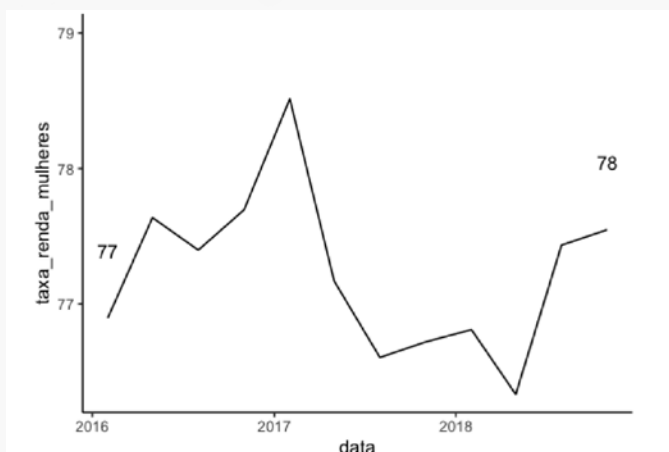
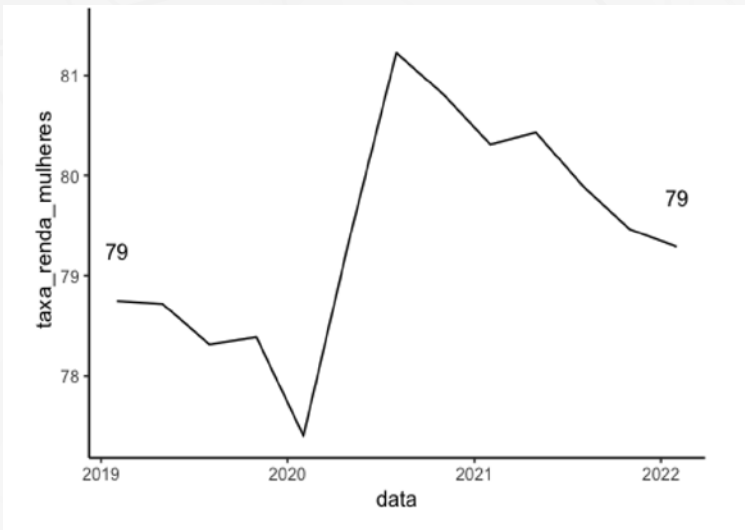


Gráfico 18 - Diferença entre renda de mulheres e homens (% - 2019-2022)

Com a diferença na renda média por raça-cor, os movimentos foram diferentes. No fim do ciclo do lulismo e no ciclo do golpe, trabalhadores negros recebiam em média 57% da remuneração dos brancos (Gráficos 19, 20, 22 e 23). Com a deterioração geral do mercado de trabalho no ciclo da peste, a renda das pessoas brancas caiu mais fortemente que a das pessoas negras (que já era muito baixa). Em função disso, por seis trimestres consecutivos caiu diferença de renda por raça-cor, alcançando o patamar de 61% desde o fim de 2021 (Gráficos 21 e 24).

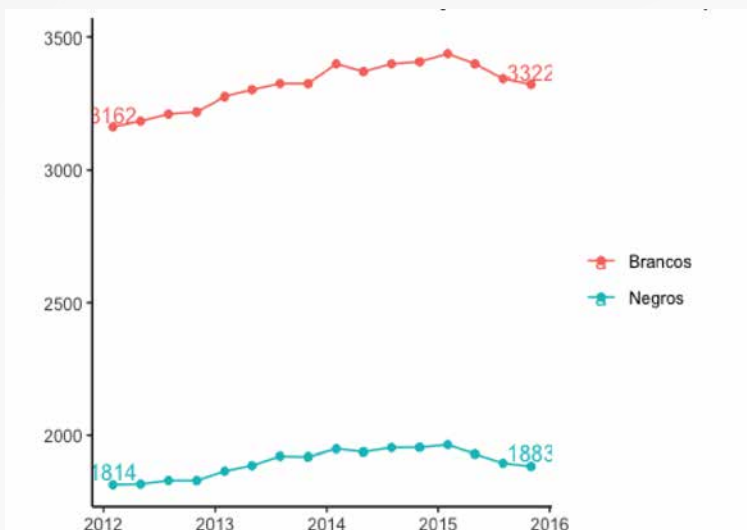
Gráfico 19 - Renda média da força de trabalho total por raça-cor (reais dez/2021 - 2012-2015)

Gráfico 20 - Renda média da força de trabalho total por raça-cor (reais dez/2021 - 2016-2019)

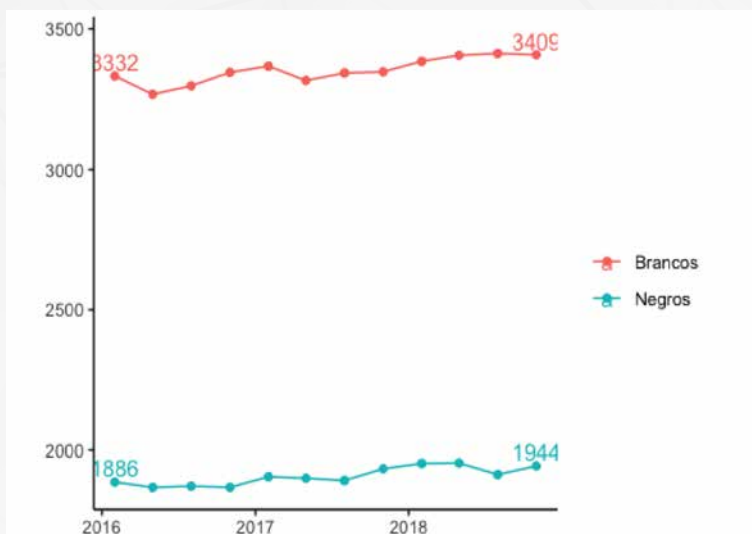


Gráfico 21 - Renda média da força de trabalho total por raça-cor (reais dez/2021 - 2019-2022)

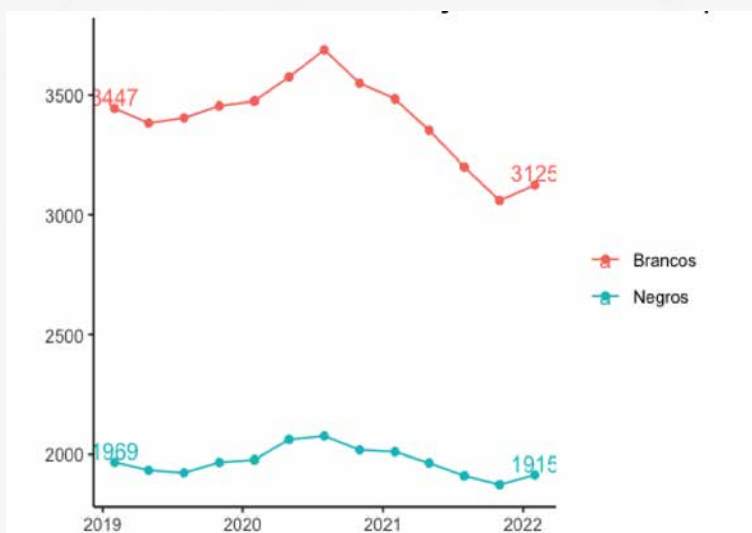


Gráfico 22 - Diferença entre renda de negros e brancos (% - 2012-2015)

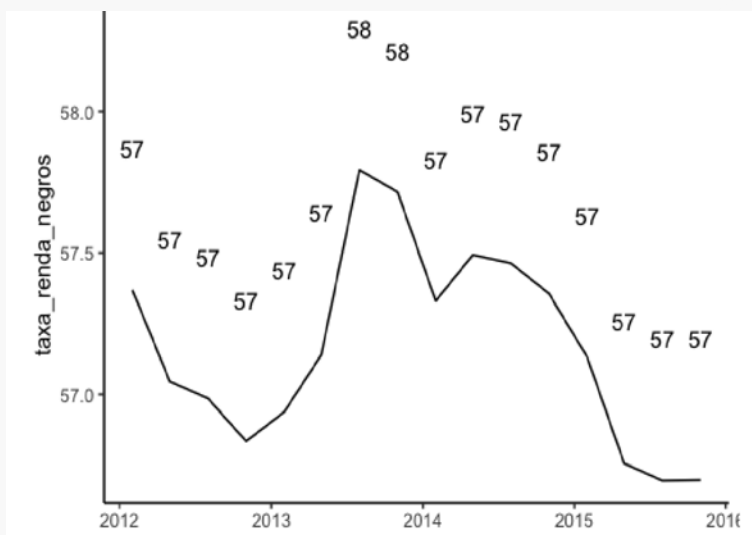
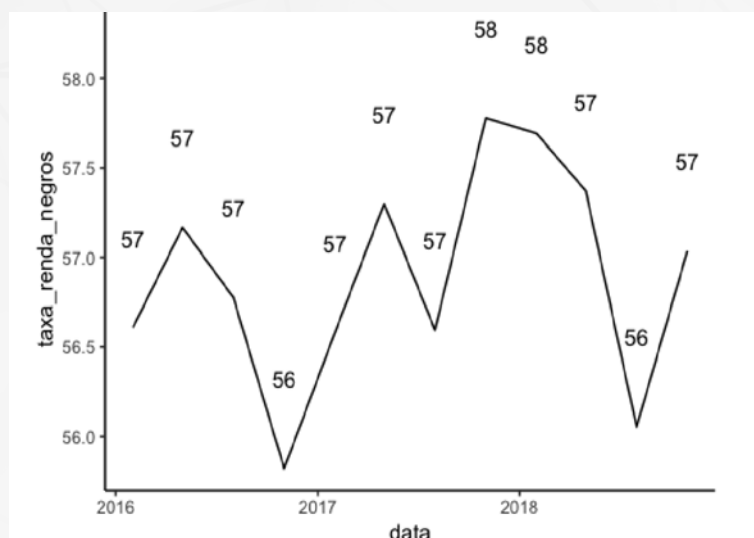
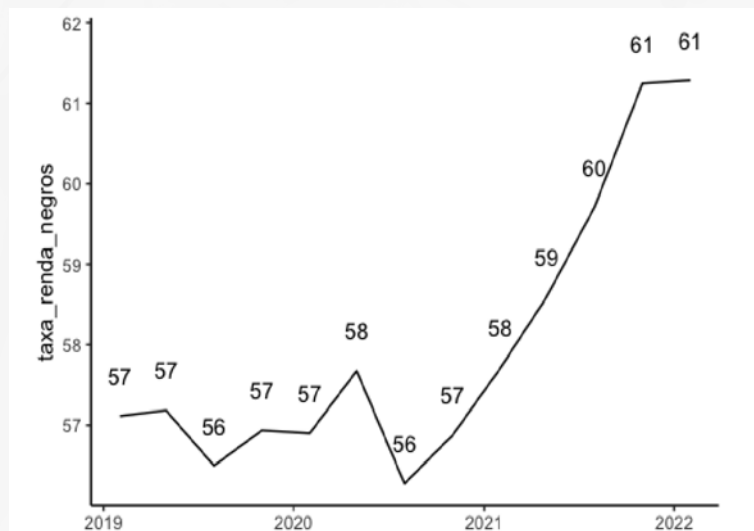


Gráfico 23 - Diferença entre renda de negros e brancos (% - 2016-2018)**Gráfico 24 - Diferença entre renda de negros e brancos (% - 2019-2022)**

1.2 Indicadores gerais do trabalho por conta própria

O número de trabalhadores por conta própria cresceu 5 milhões entre 2012 e 2022 (Gráficos 25, 26 e 27). A tendência de crescimento foi contínua nos três ciclos aqui analisados e interrompida nos dois momentos de retração no mercado de trabalho, em 2016 e 2020. O trabalho por conta própria é mais sensível à condição da economia e registrou movimentos bruscos de desengajamento de trabalhadores nesses momentos – 1,5 milhão a menos em 2016, quase 3 milhões a menos durante a pandemia. Como outras pessoas que perdem empregos durante crises acabam por voltar-se a trabalho autônomo ou informal, tanto em 2016 como em 2020 o número de conta própria superou depois de cinco trimestres o patamar anterior ao início da crise.

Gráfico 25 - Quantidade de trabalhadores conta própria (milhões - 2012-2015)

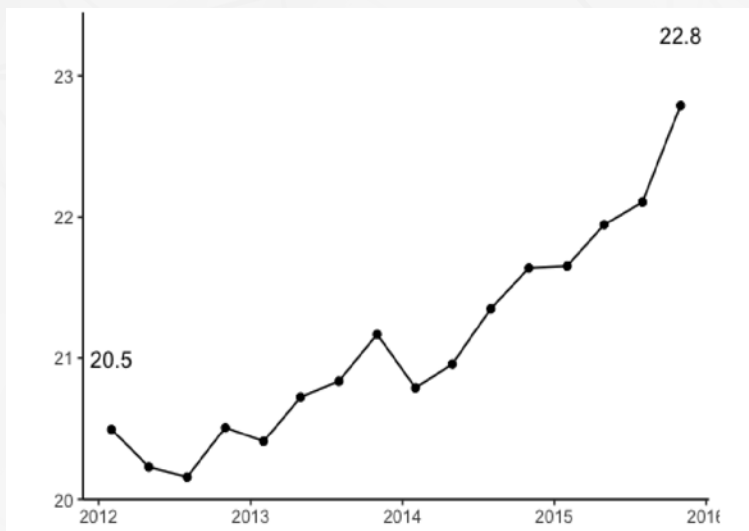


Gráfico 26 - Quantidade de trabalhadores conta própria (milhões - 2016-2018)

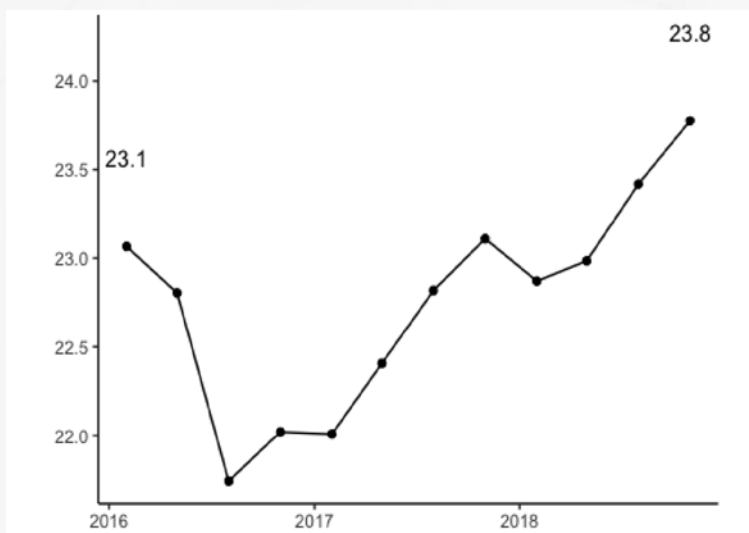
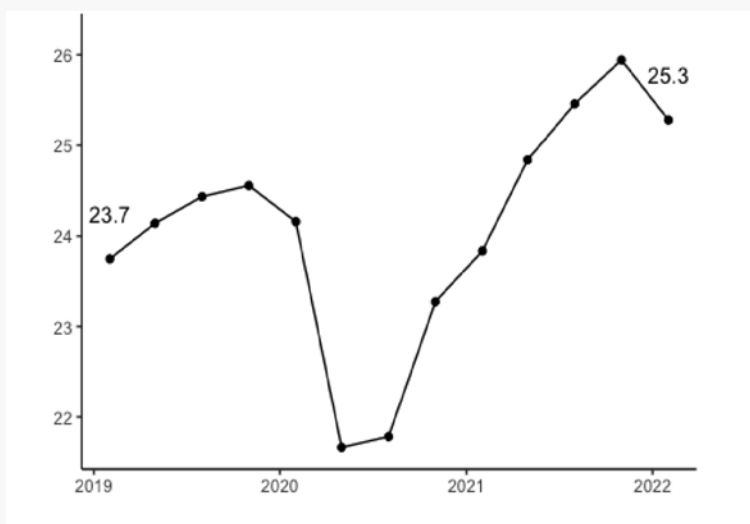


Gráfico 27 - Quantidade de trabalhadores conta própria (milhões - 2019-2022)



A participação de mulheres entre os conta própria cresceu continuamente no ciclo do golpe, de 32% a 35% do total (Gráficos 29 e 32). No final do ciclo do lulismo e no ciclo da peste, a presença de mulheres oscilou muito no entorno dessas médias, 32% e 35%, respectivamente (Gráficos 28, 30, 31 e 33). Em 2016 e em 2020, momentos de crise no mercado de trabalho, a participação de mulheres entre os conta própria foi afetada menos intensamente que a dos homens – a lembrar que elas são um contingente minoritário no segmento.

Gráfico 28 - Quantidade de trabalhadores conta própria por sexo (milhões - 2012-2015)

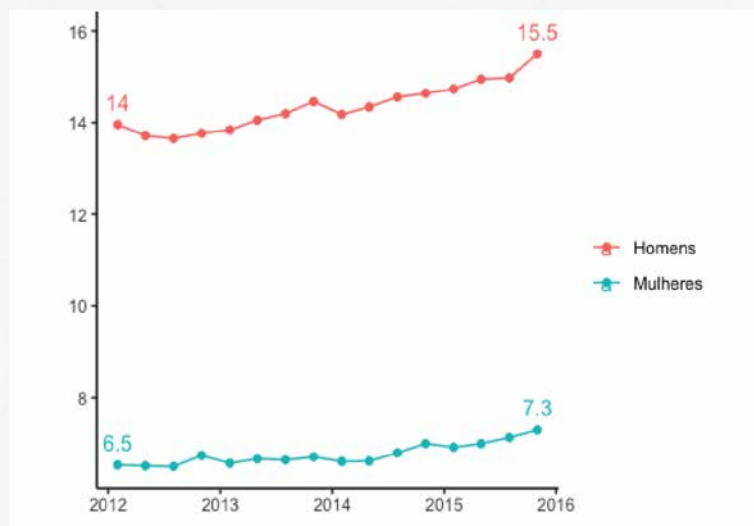


Gráfico 29 - Quantidade de trabalhadores conta própria por sexo (milhões - 2016-2018)

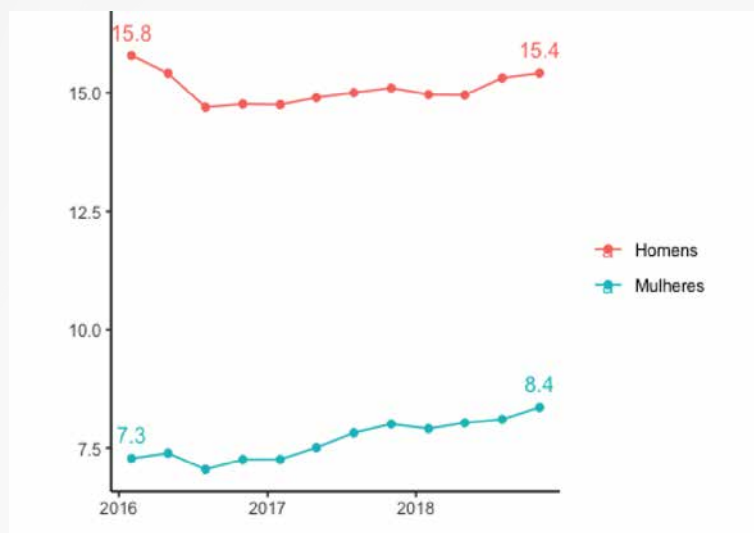


Gráfico 30 - Quantidade de trabalhadores conta própria por sexo (milhões - 2019-2022)

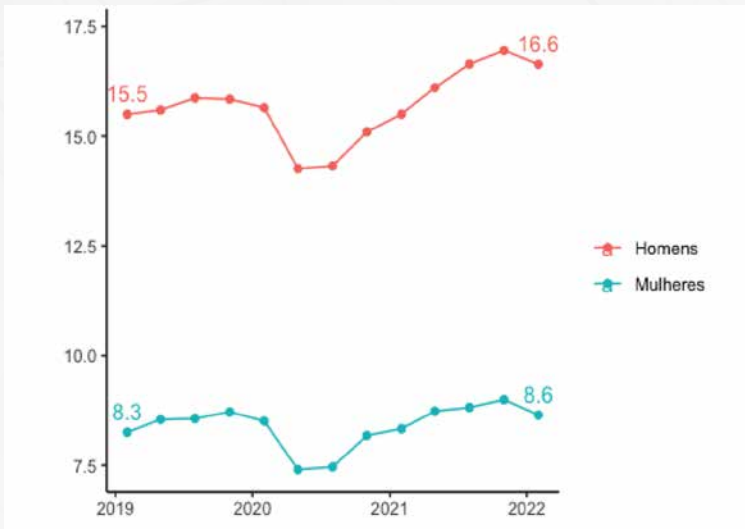


Gráfico 31- Participação de mulheres entre os conta própria (% - 2012-2015)

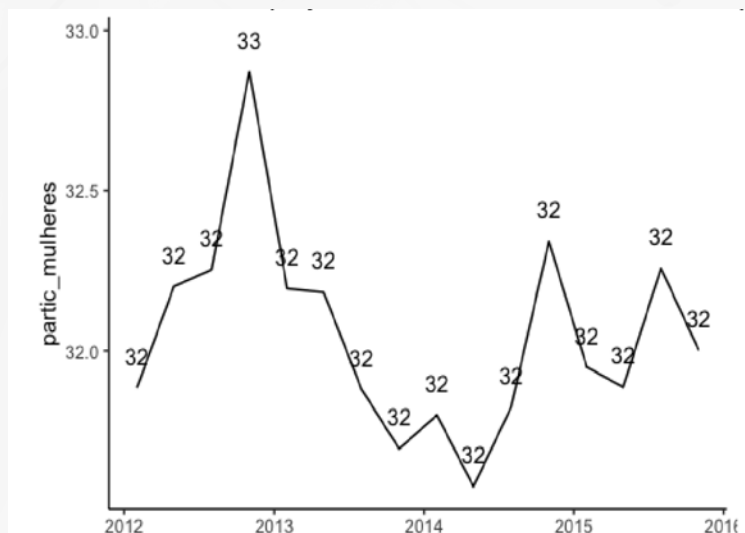


Gráfico 32 - Participação de mulheres entre os conta própria (% - 2016-2018)

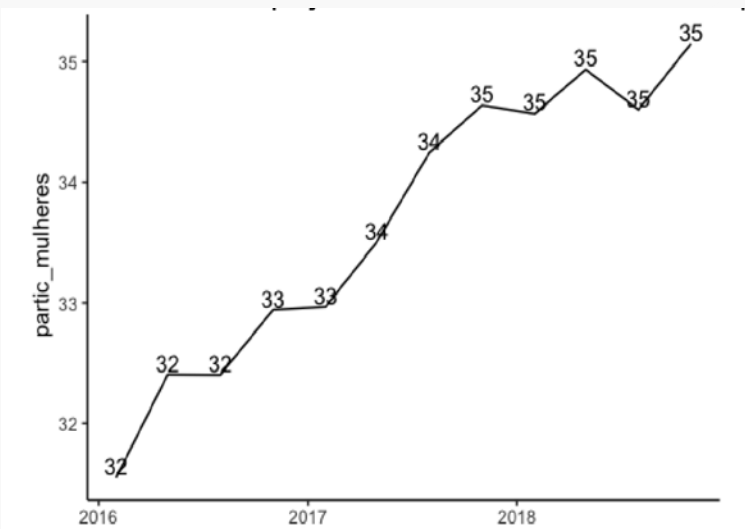
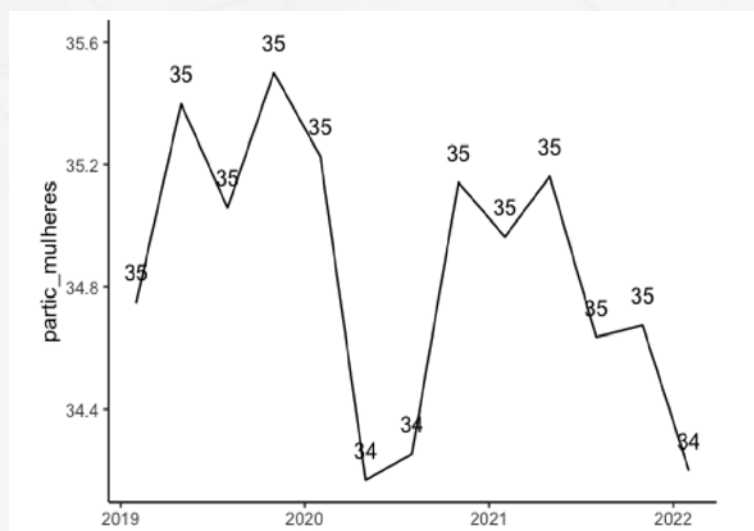


Gráfico 33 - Participação de mulheres entre os conta própria (% - 2019-2022)

Novamente, o quadro é diferente quando se observa a distribuição de raça-cor entre os conta própria. O percentual de pessoas negras nesse grupo cresceu de 53% a 56%, de maneira acidentada mas contínua, entre 2012 e 2018 – em números absolutos, de 10,9 milhões para 13,2 milhões de pessoas (Gráficos 34, 35, 37 e 38). No ciclo da peste, contudo, mais pessoas negras que brancas abandonaram o trabalho por conta própria e o ritmo na retomada da atividade econômica foi maior entre brancos que entre negros. Como resultado, em 2022 o percentual de negros no segmento havia caído para a faixa dos 54% (Gráficos 36 e 39).

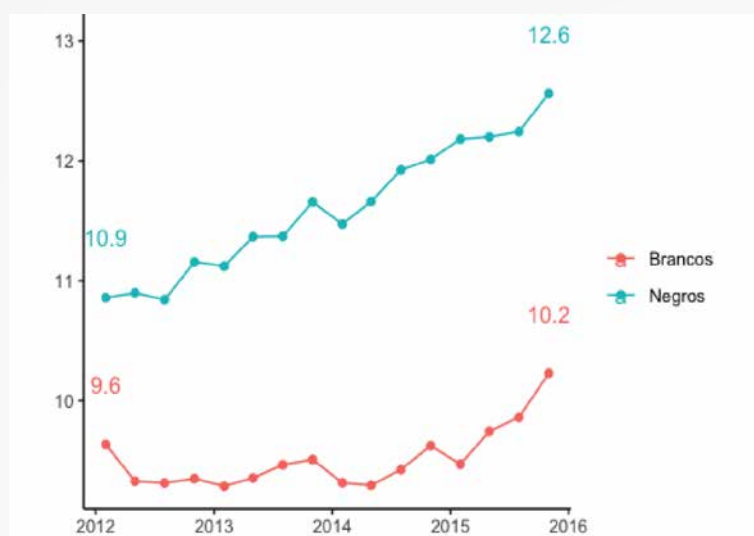
Gráfico 34 - Quantidade de trabalhadores conta própria por raça-cor (milhões - 2012-2015)

Gráfico 35 - Quantidade de trabalhadores conta própria por raça-cor (milhões - 2016-2018)

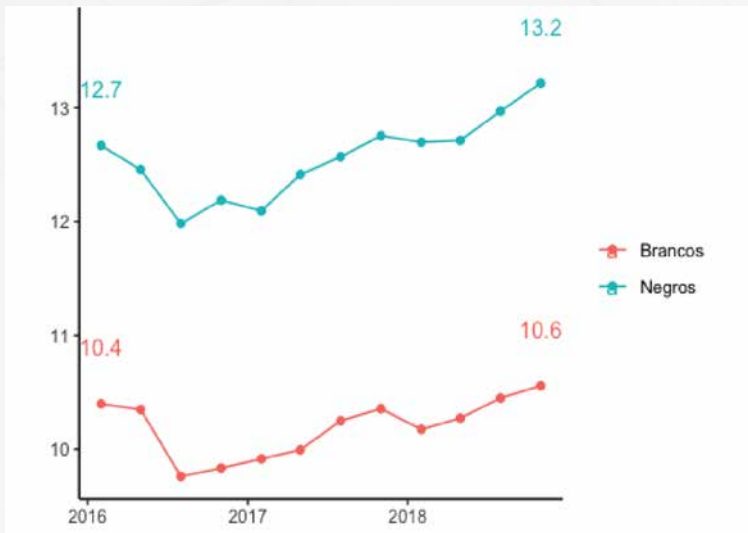


Gráfico 36 - Quantidade de trabalhadores conta própria por raça-cor (milhões - 2019-2022)

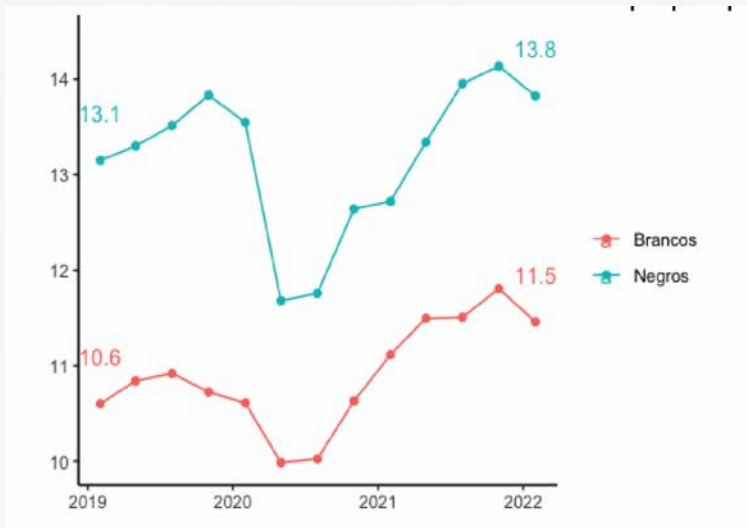


Gráfico 37 - Participação de pessoas negras entre os conta própria (% - 2012-2015)

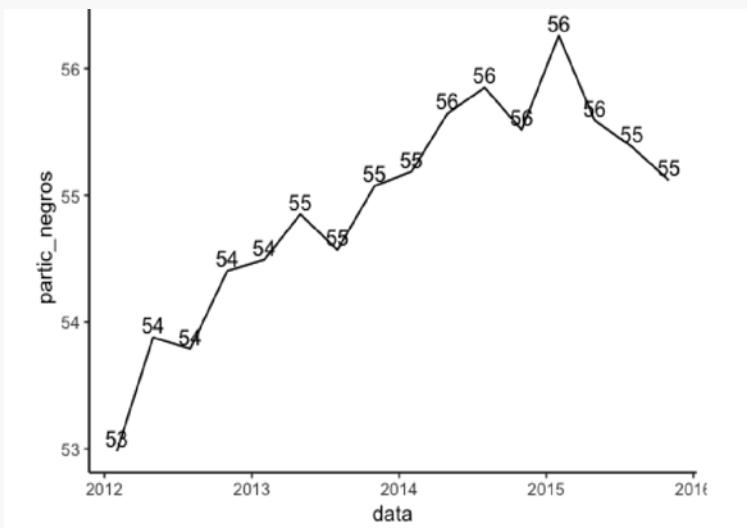
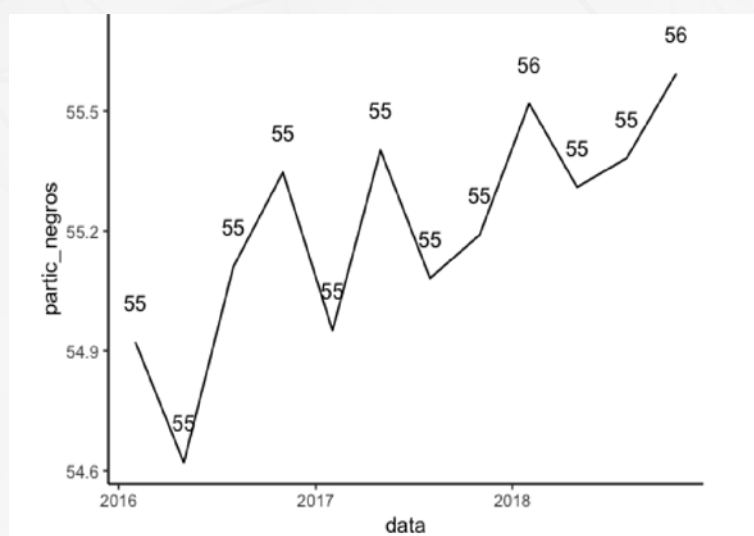
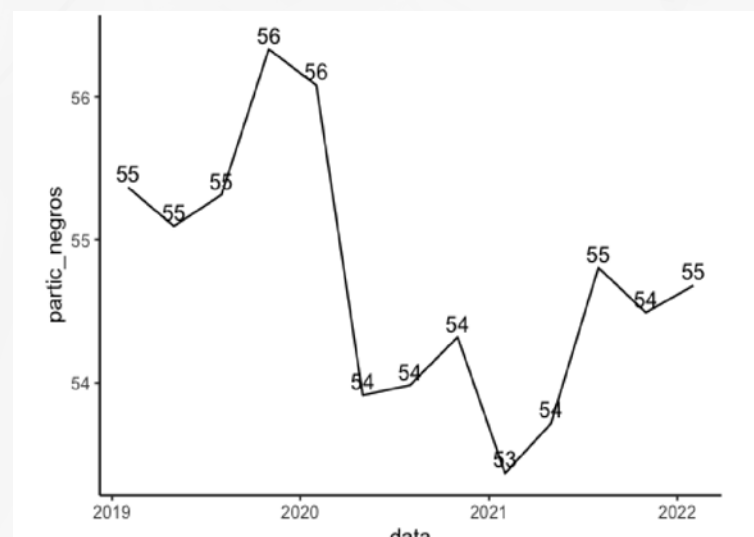


Gráfico 38 - Participação de pessoas negras entre os conta própria (% - 2016-2018)**Gráfico 39 - Participação de pessoas negras entre os conta própria (% - 2019-2022)**

Os conta própria assistem a um declínio continuado de suas remunerações desde o primeiro trimestre de 2014, quando chegaram a quase R\$ 2.200,00 de renda média (Gráfico 40). No ciclo do golpe, a remuneração média ficou abaixo de 2 mil reais na maioria dos trimestres (Gráfico 41). No ciclo da peste, a renda dos conta própria voltou à casa dos R\$ 2.100,00 no início de 2021, mas despencou na sequência, com o retorno de muitas pessoas a esse segmento do mercado de trabalho (Gráfico 42). No início de 2022, a renda média dos conta própria era menor que dez anos antes.

Gráfico 40 - Renda média de trabalhadores conta própria (reais dez/21 - 2012-2015)

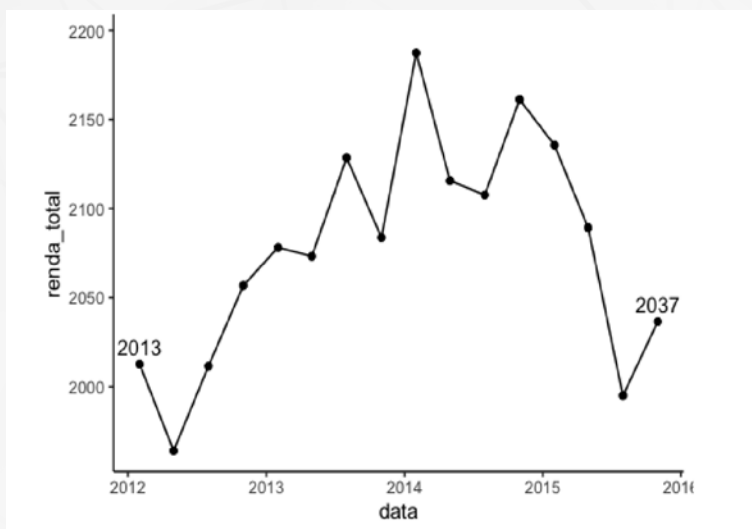


Gráfico 41 - Renda média de trabalhadores conta própria (reais dez/21 - 2016-2018)

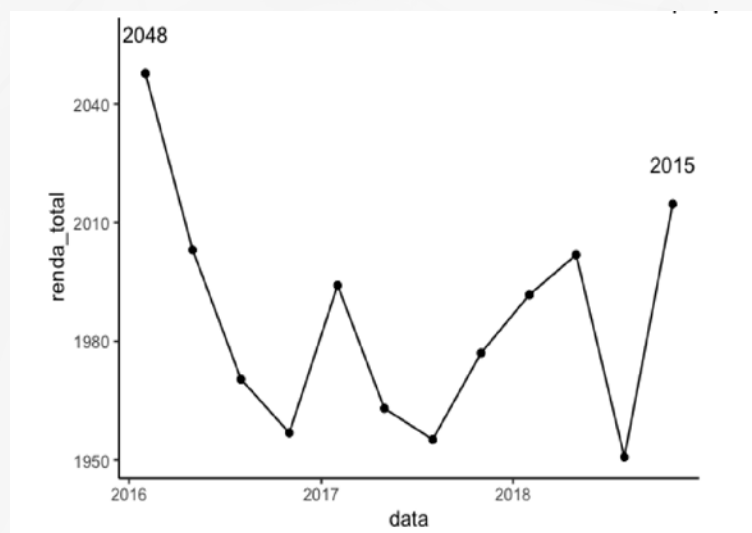
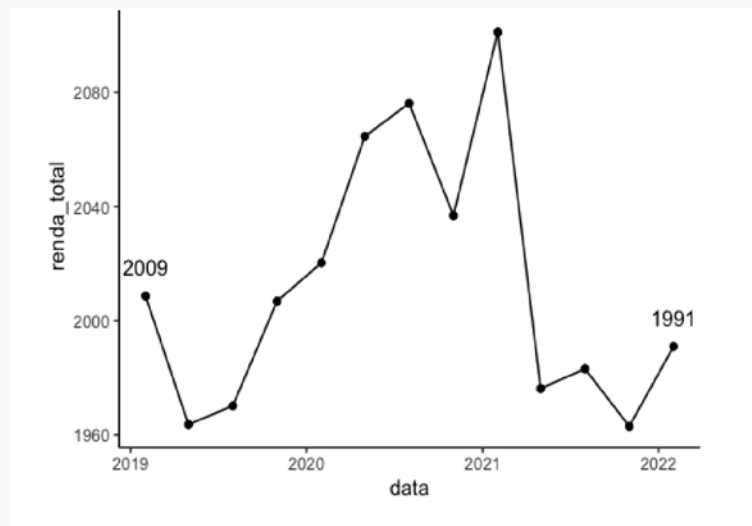


Gráfico 42 - Renda média de trabalhadores conta própria (reais dez/21 - 2019-2022)



No período, contudo, a diferença na renda de homens e mulheres conta própria caiu significativamente. As mulheres recebiam 79% da renda dos homens em 2012, e essa diferença caiu a 88% durante a pandemia, para voltar à faixa dos 85% em 2022. Isso sugere o seguinte: como as mulheres ocupam posições estruturalmente menos remuneradas, as crises no mercado de trabalho (em 2016 e 2020) afetaram mais os homens, reduzindo a diferença de renda por gênero. Desse modo, o mercado de trabalho se aproxima da igualdade de gênero, mas do pior modo: pelo achatamento das remunerações (Gráficos 43 a 48)

Gráfico 43 - Renda média de trabalhadores conta própria por sexo (reais dez/21 - 2012-2015)

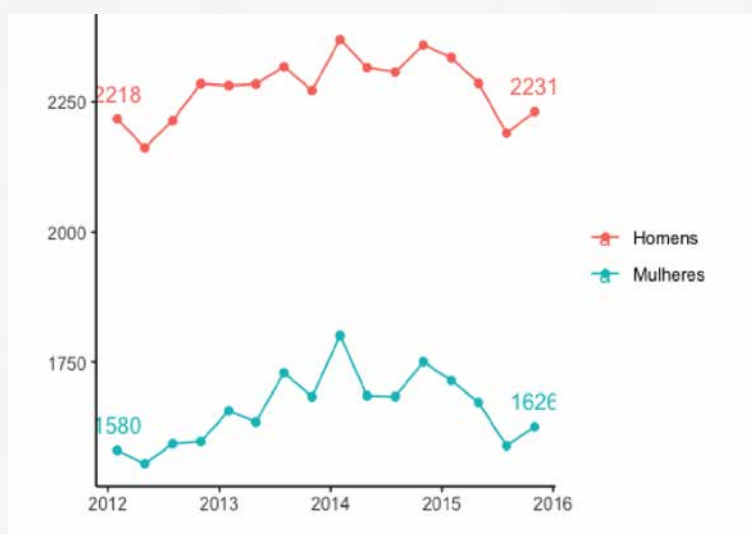


Gráfico 44 - Renda média de trabalhadores conta própria por sexo (reais dez/21 - 2016-2018)

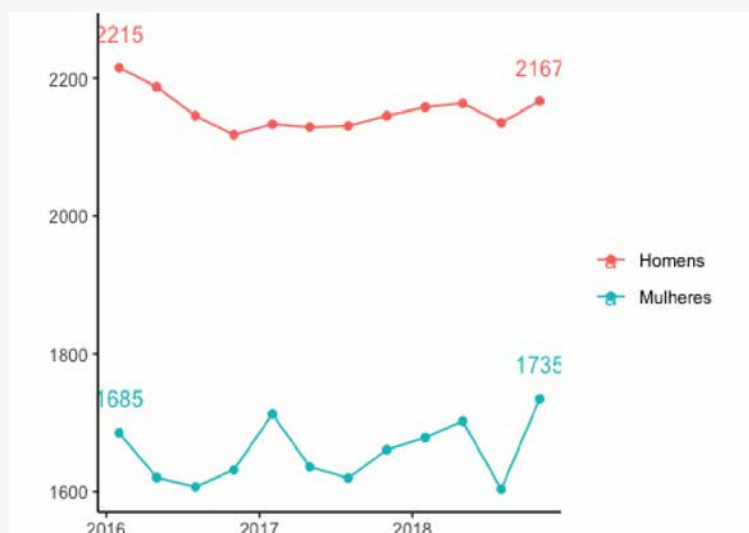


Gráfico 45 - Renda média de trabalhadores conta própria por sexo (reais dez/21 - 2019-2022)

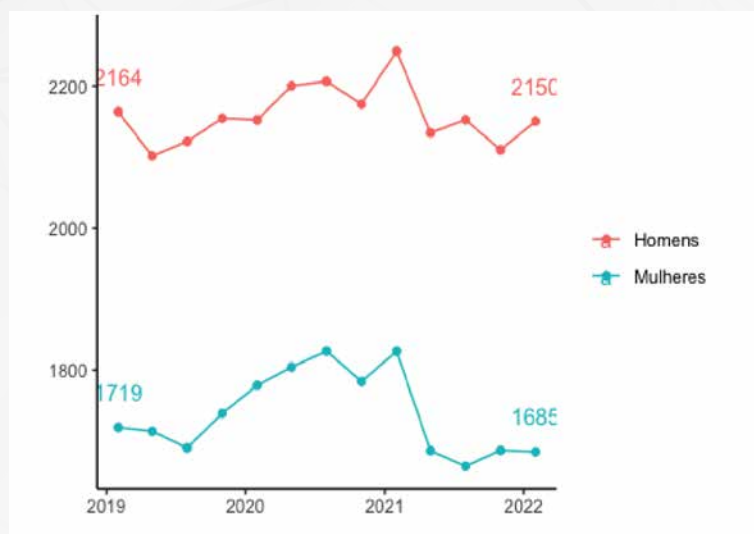


Gráfico 46 - Diferença na renda média de mulheres e homens conta própria (% - 2012-2015)

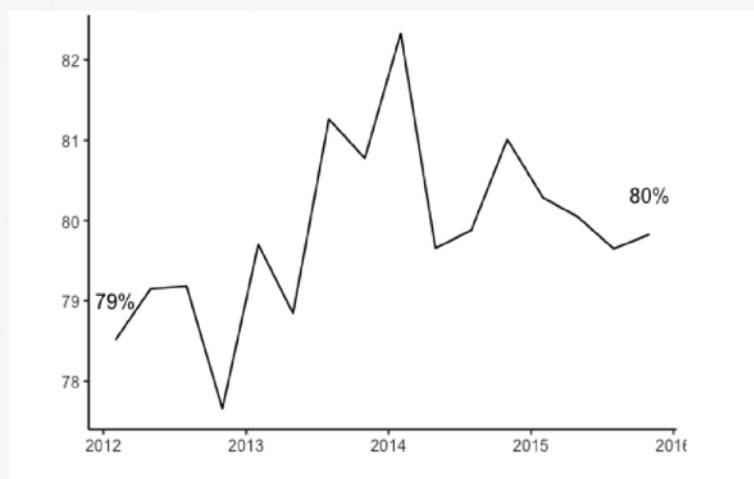


Gráfico 47 - Diferença na renda média de mulheres e homens conta própria (% - 2016-2018)

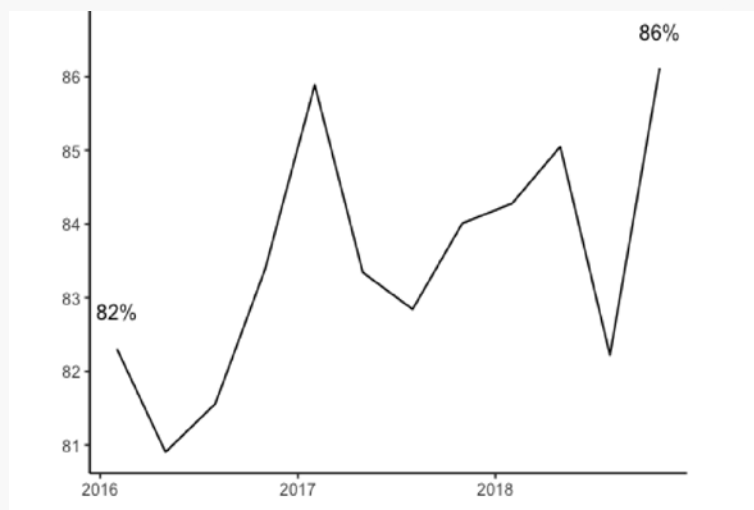
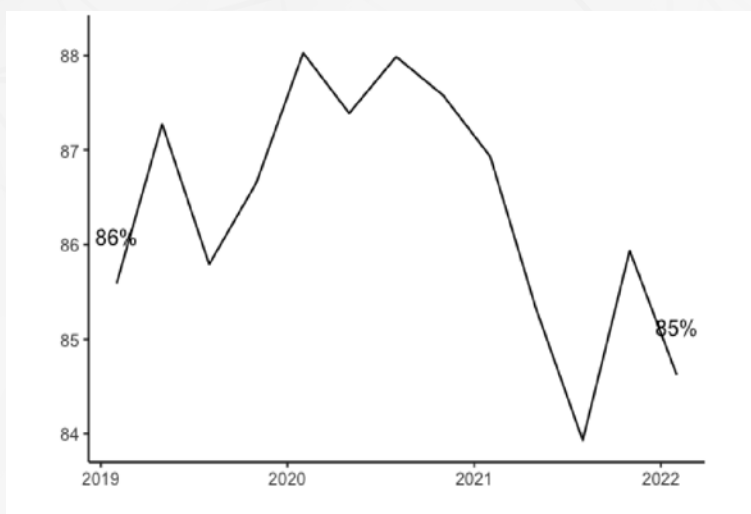


Gráfico 48 - Diferença na renda média de mulheres e homens conta própria (% - 2019-2022)

Entre pessoas negras e brancas, as flutuações foram de outro tipo e houve pouca atenuação da diferença de renda. Em 2012, negros recebiam 72% dos brancos. A diferença foi reduzida em dois pontos no fim do ciclo do lulismo, mas retornou a esse percentual em 2015. No ciclo do golpe, negros recebiam 74% da renda dos brancos, com flutuação para baixo na crise de

2016, seguida de retomada. No ciclo da peste, a diferença permaneceu em 74% durante toda a crise de 2020 e diminuiu a 78% nos trimestres posteriores – provavelmente como resultado da diminuição da renda das pessoas brancas (Gráficos 49 a 54).

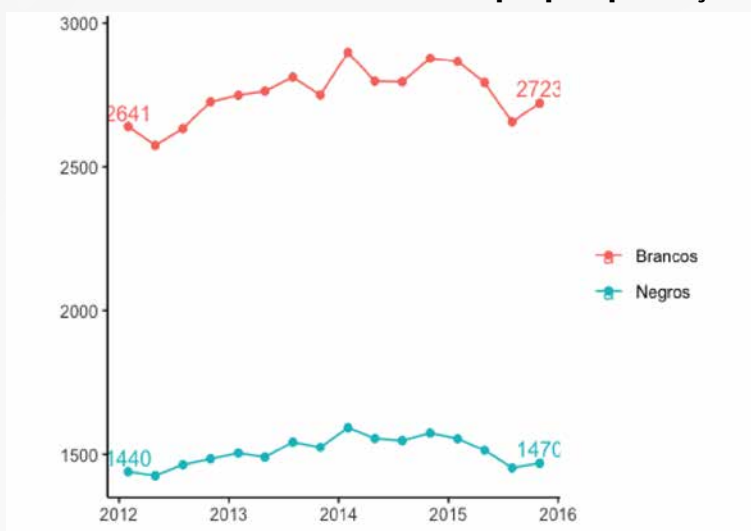
Gráfico 49 - Renda média de conta própria por raça-cor (reais dez/21 - 2012-2015)

Gráfico 50 - Renda média de conta própria por raça-cor (reais dez/21 - 2016-2018)

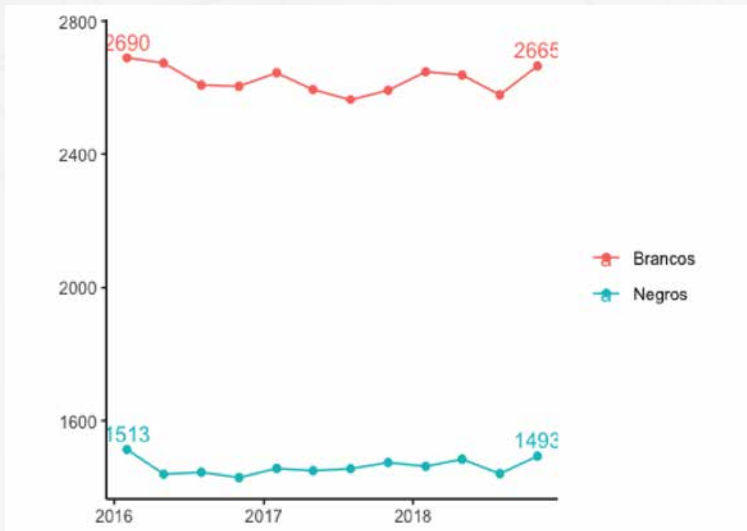


Gráfico 51 - Renda média de conta própria por raça-cor (reais dez/21 - 2019-2022)

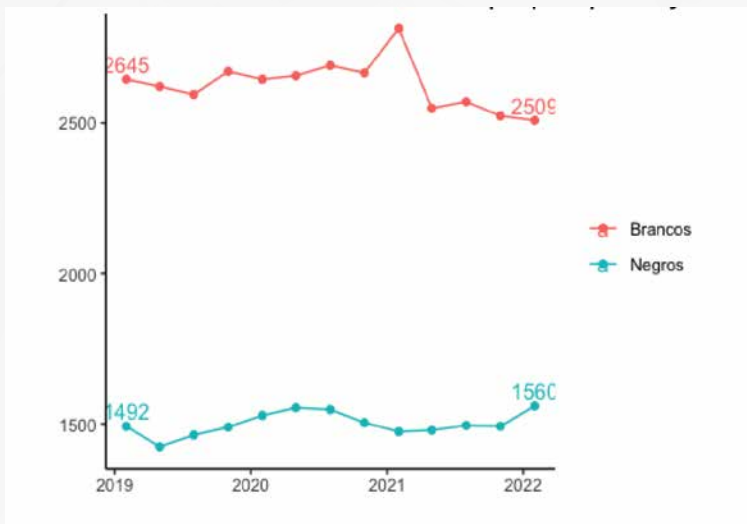


Gráfico 52- Diferença na renda média de negros e brancos conta própria (% - 2012-2015)

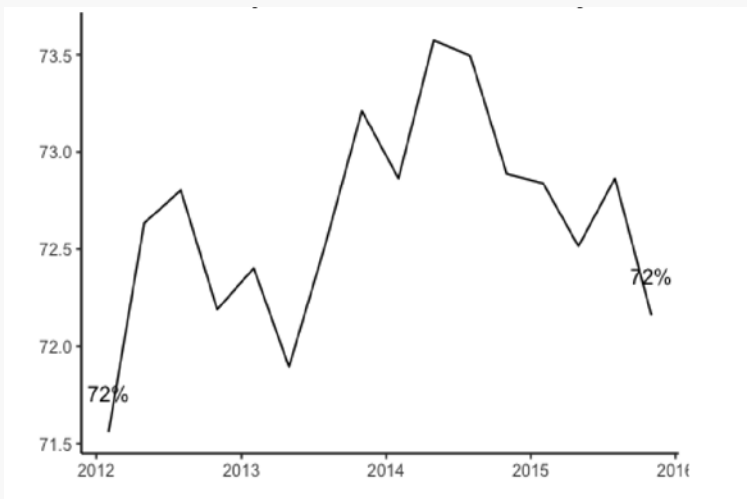
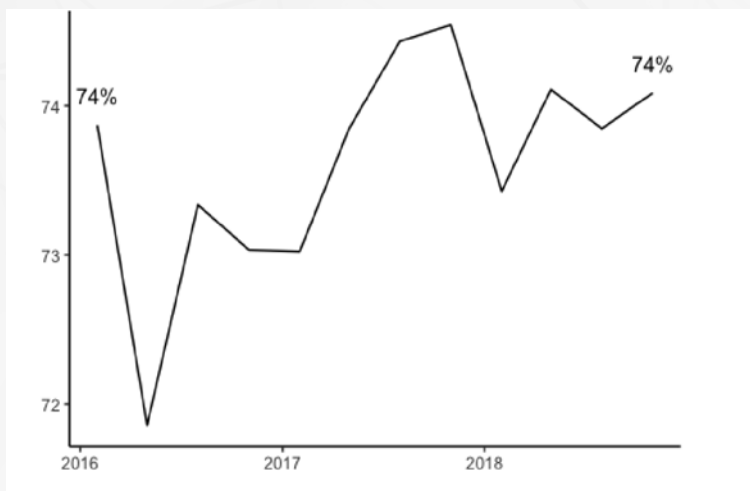
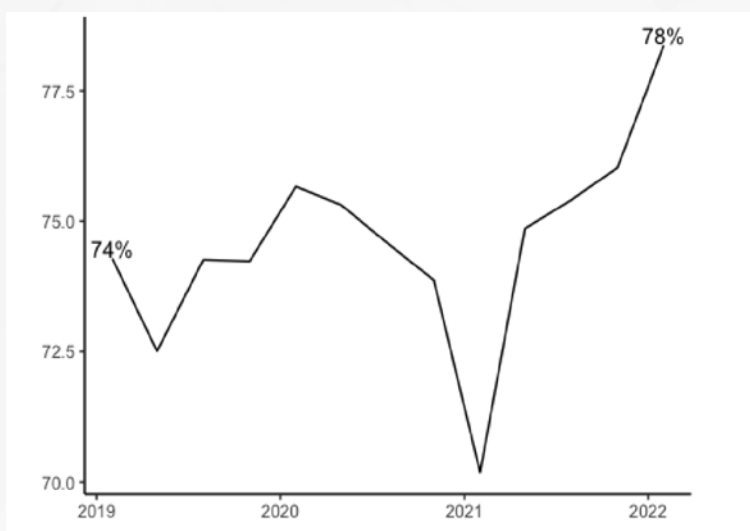


Gráfico 53 - Diferença na renda média de negros e brancos conta própria (% - 2016-2018)**Gráfico 54 - Diferença na renda média de negros e brancos conta própria (% - 2019-2022)**

1.3 Massa de renda e jornada de trabalho no total do mercado de trabalho e nos conta própria

A massa de renda da força de trabalho total cresceu continuamente entre o início de 2012 e o fim de 2014 (Gráfico 55). Depois, declinou abruptamente e se passaram 15 trimestres até que voltasse ao patamar em que estava quando da reeleição de Dilma Rousseff (Gráfico 56). No ciclo da peste, a massa de renda registrou um pico no fim de 2019, mas teve queda brusca com a pandemia e, no início de 2022, ainda não havia retomado ao patamar do fim do ciclo do lulismo (Gráfico 57).

Gráfico 55 - Massa de renda da força de trabalho total (R\$ bilhões - 2012-2015)

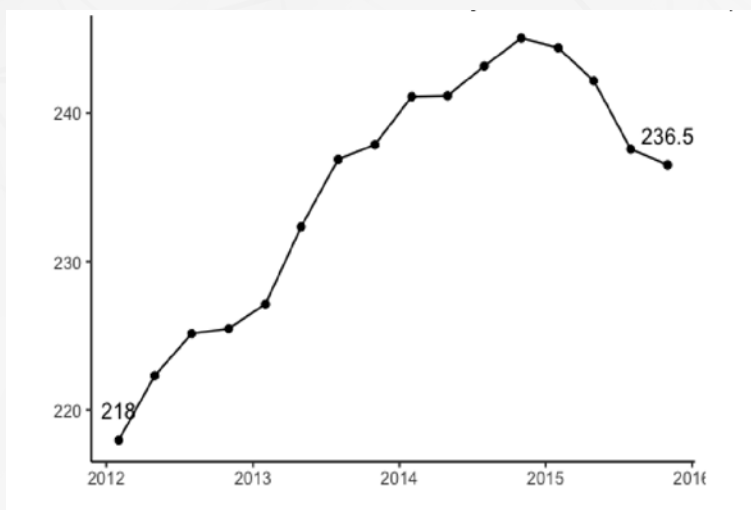


Gráfico 56 - Massa de renda da força de trabalho total (R\$ bilhões - 2016-2018)

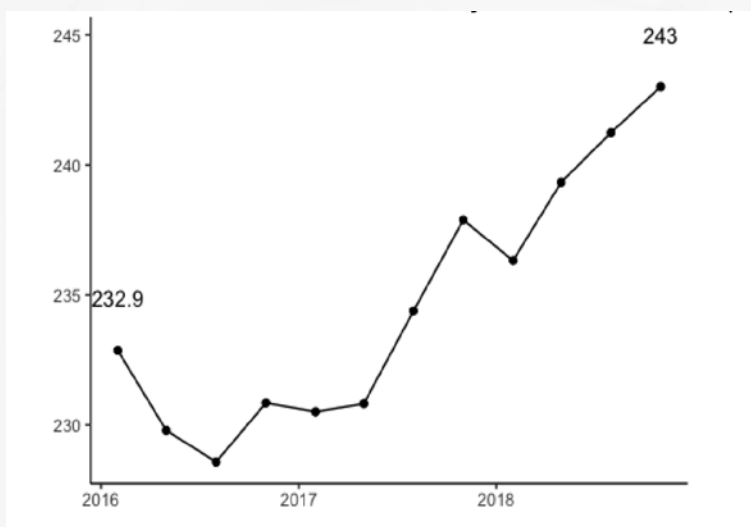
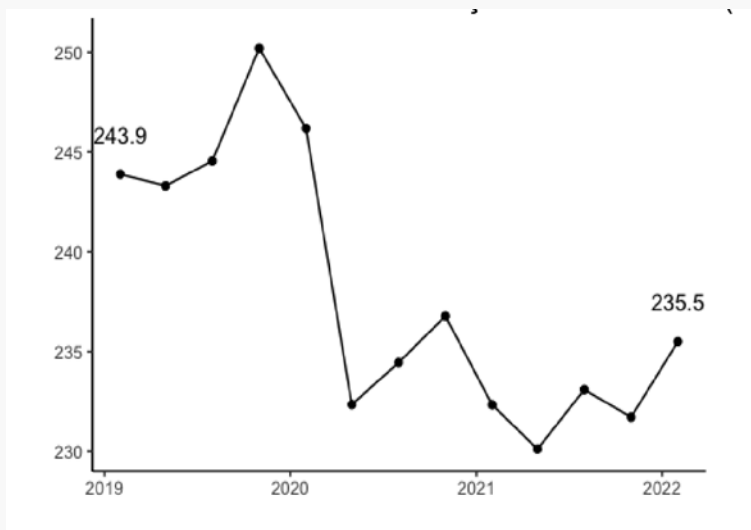


Gráfico 57 - Massa de renda da força de trabalho total (R\$ bilhões - 2019-2022)



O tempo dedicado ao trabalho caiu entre 2012 e 2018 – de 40,5 horas para 38,9 (Gráficos 58 e 59). No ciclo da peste, tornou a subir, mas sem voltar ao patamar anterior (Gráfico 60). Quando olhamos a distribuição da jornada por gênero, é possível constatar que o tempo de trabalho de

homens caiu significativamente no final do ciclo lulista, tendo permanecido na faixa das 41 horas semanais ao longo de todo o período (Gráficos 61 a 63). As jornadas das mulheres flutuaram mais entre 2012 e 2022, mas sempre no entorno das 36 horas semanais.

Por raça-cor, pessoas brancas e negras passaram por variações semelhantes nos três ciclos: queda contínua no fim do período lulista, estabilidade no ciclo do golpe e flutuações mais intensas no ciclo da peste. Contudo, pessoas negras sofreram com mais intensidade os efeitos das crises de 2016 e 2020 e passaram a trabalhar por mais tempo entre 2021 e 2022, reduzindo a distância em relação à jornada de pessoas brancas (Gráficos 64 a 66).

Gráfico 58 - Jornada média da força de trabalho total (horas - 2012-2015)

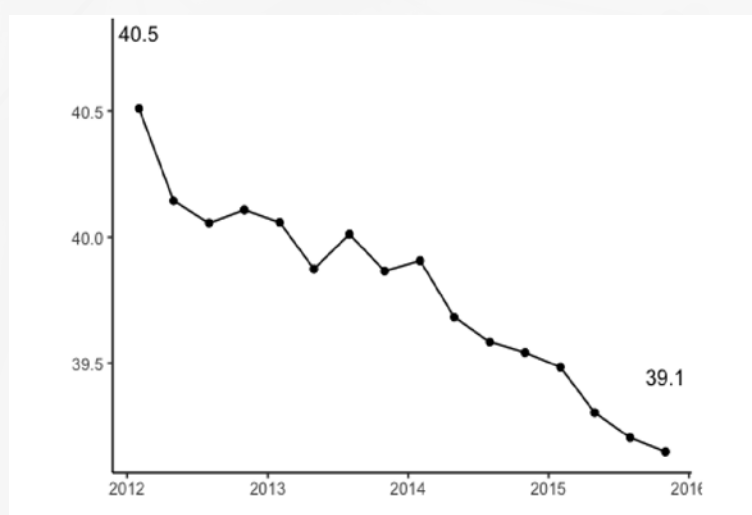


Gráfico 59 - Jornada média da força de trabalho total (horas - 2016-2018)

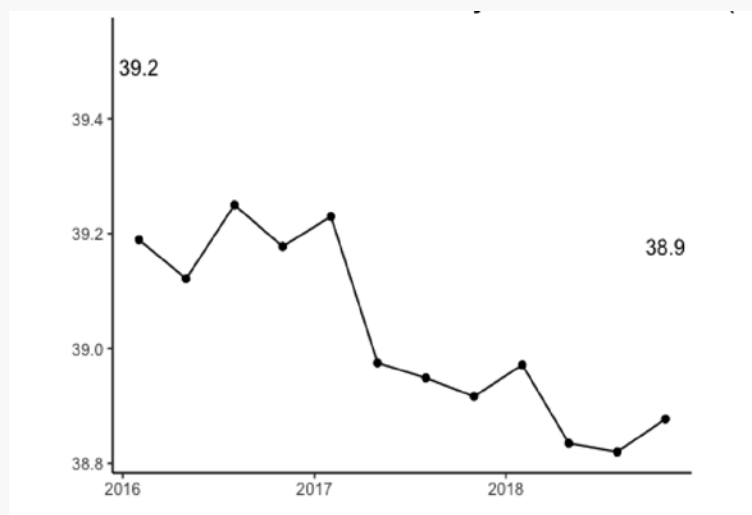


Gráfico 60 - Jornada média da força de trabalho total (horas - 2019-2022)

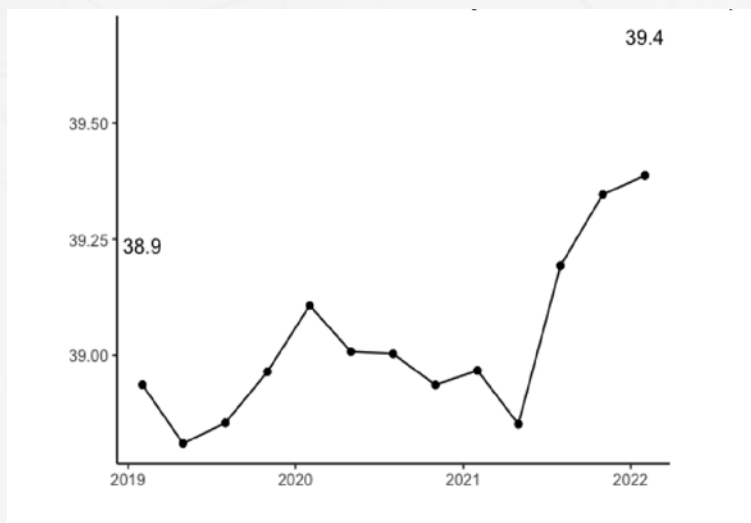


Gráfico 61 - Jornada média da força de trabalho total por sexo (horas - 2012-2015)

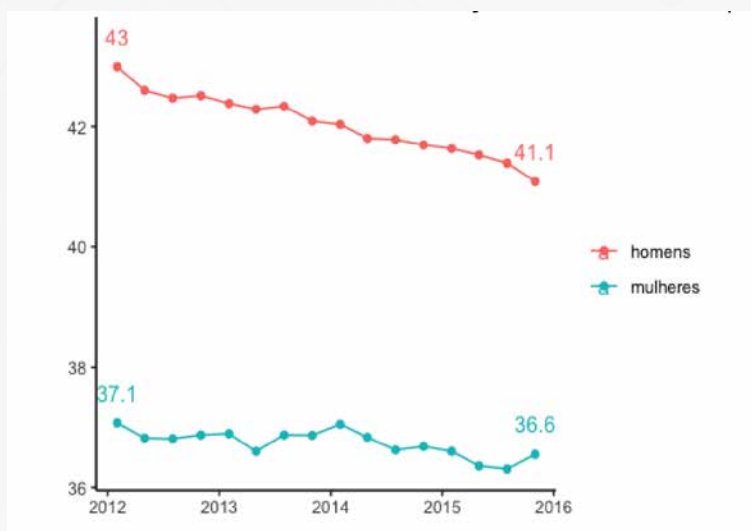


Gráfico 62 - Jornada média da força de trabalho total por sexo (horas - 2016-2018)

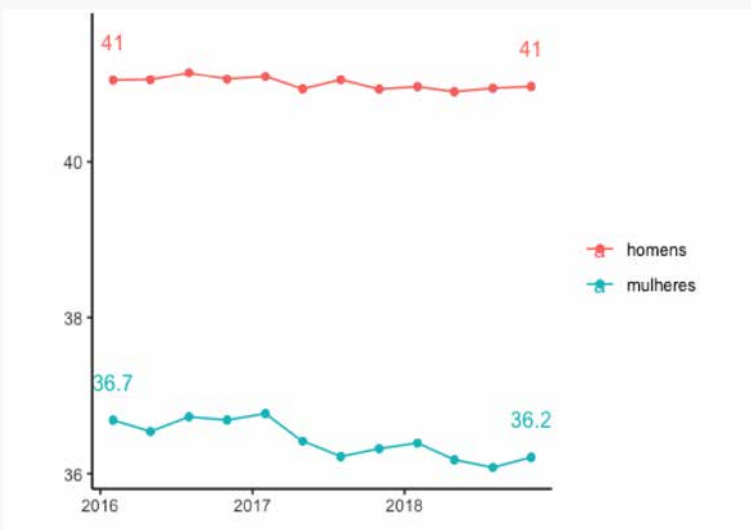


Gráfico 63 - Jornada média da força de trabalho total por sexo (horas - 2019-2022)

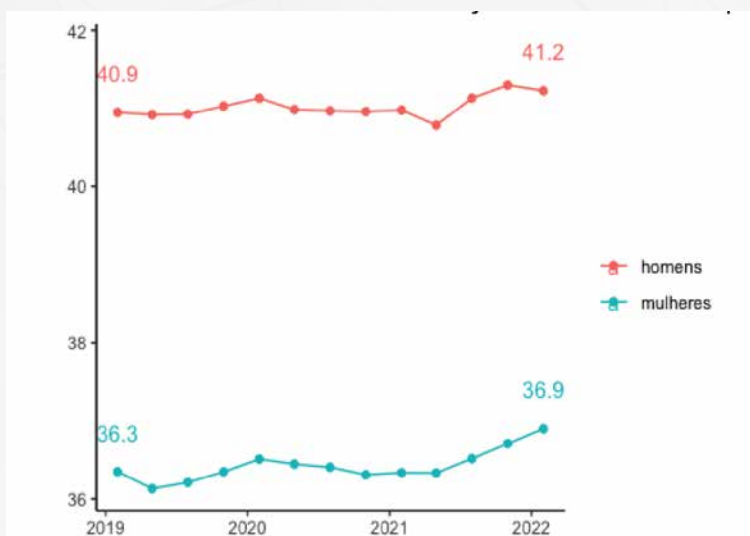


Gráfico 64 - Jornada média da força de trabalho total por raça-cor (horas - 2019-2022)

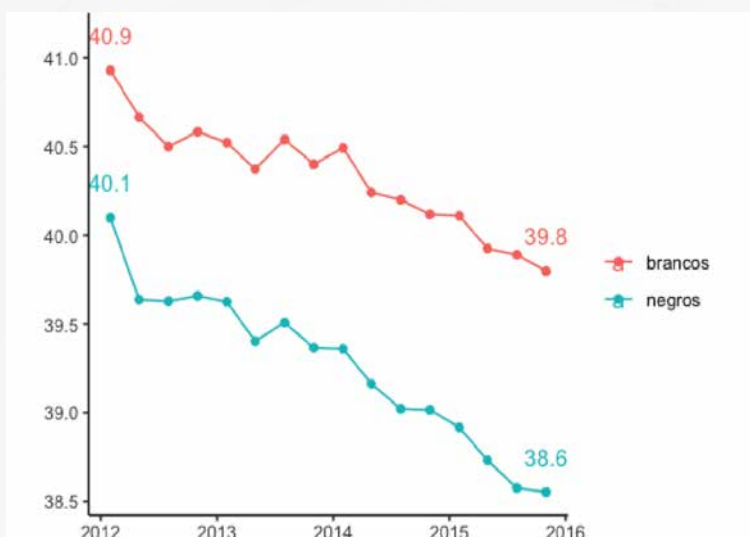


Gráfico 65 - Jornada média da força de trabalho total por raça-cor (horas - 2019-2022)

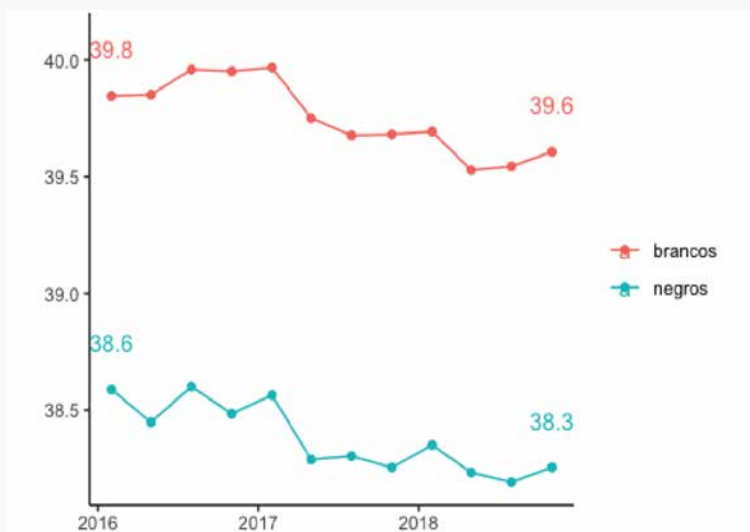
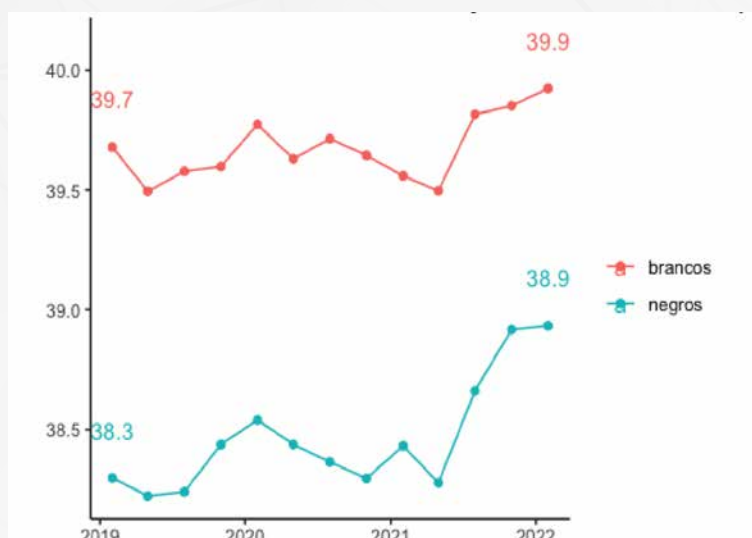


Gráfico 66 - Jornada média da força de trabalho total por raça-cor (horas - 2019-2022)

As jornadas no trabalho por conta própria são menores e estiveram em queda contínua desde 2012 (Gráficos 67 e 68). A pandemia não produziu nenhum efeito sobre a jornada dos conta própria, que passaram a trabalhar por mais tempo e, em 2022, retornaram à faixa em que estavam no fim de 2015 (Gráfico 69). Como no conjunto da força de trabalho, a redução de jornada beneficiou mais os homens. As mulheres tiveram variações mais acidentadas na jornada nos dois primeiros ciclos. Durante a peste, chegaram a menos de 32 horas semanais e desse vale intensificaram o tempo de trabalho até 33,5 horas, maior patamar em todo o período (Gráficos 70 a 72). Lembremos, no entanto, que a renda média caiu muito - trabalha-se mais tempo, para obter menos renda.

Por raça-cor, as jornadas de pessoas brancas e negras seguiram as mesmas tendências nos ciclos do fim do lulismo e do golpe, mas no ciclo da peste as pessoas negras tiveram maior queda no tempo de trabalho durante a pandemia e, na retomada, tiveram um incremento de jornada maior que o dos brancos (Gráficos 73 a 75).

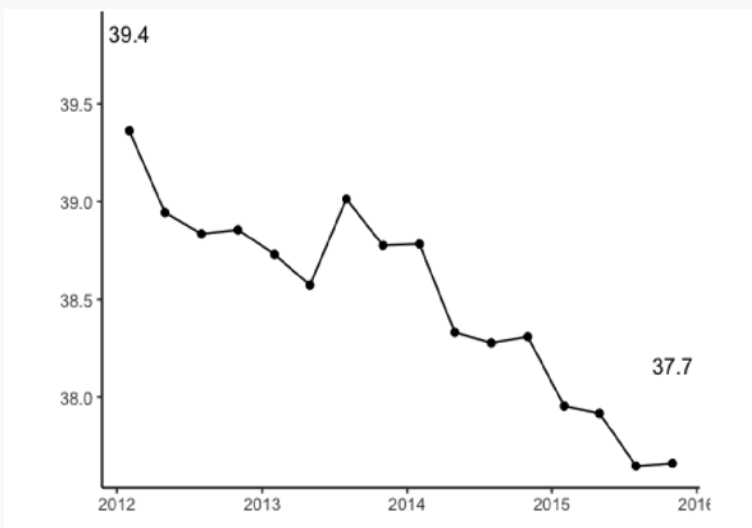
Gráfico 67 - Jornada média no trabalho por conta própria (horas - 2012-2015)

Gráfico 68 - Jornada média no trabalho por conta própria (horas - 2016-2018)

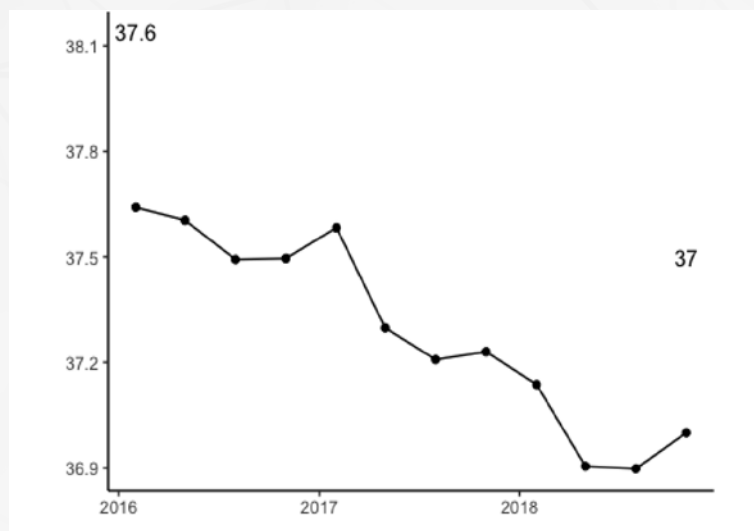


Gráfico 69 - Jornada média no trabalho por conta própria (horas - 2019-2022)

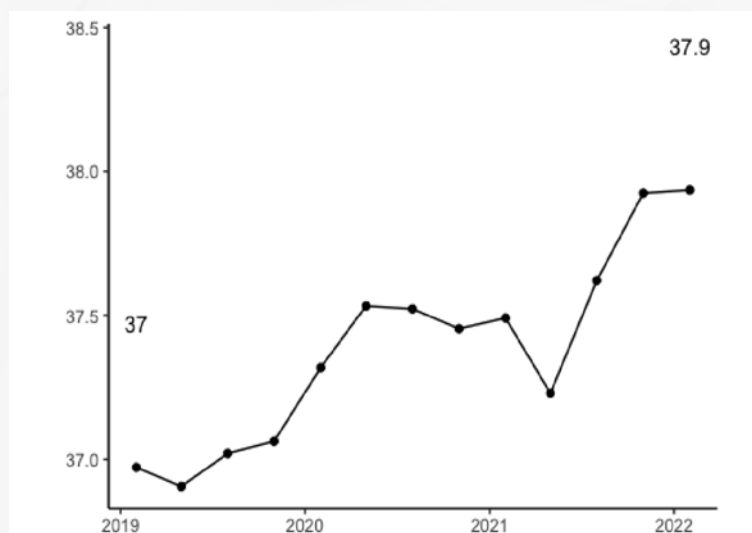


Gráfico 70 - Jornada média no trabalho por conta própria por sexo (horas - 2012-2015)

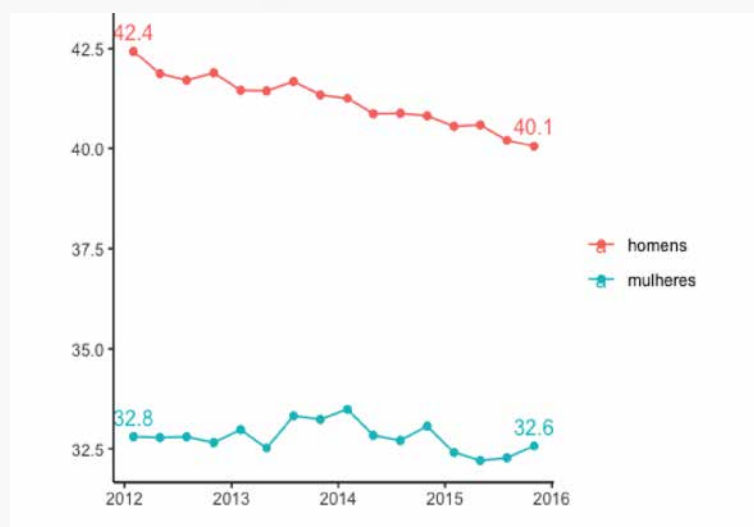


Gráfico 71 - Jornada média no trabalho por conta própria por sexo (horas - 2016-2018)

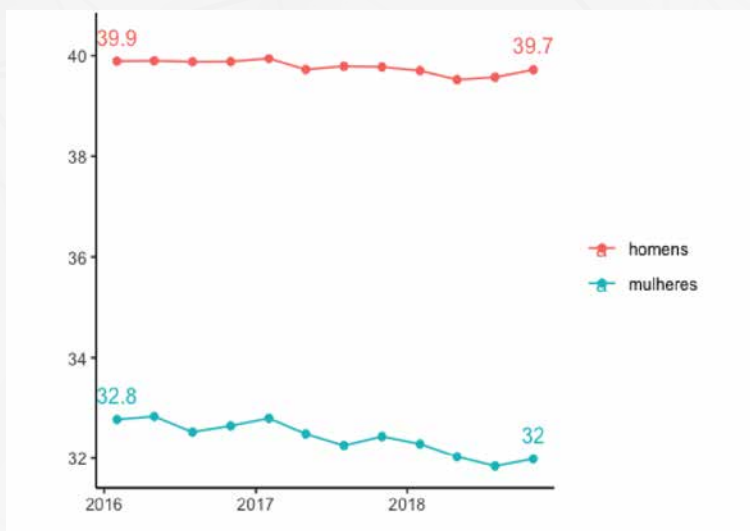


Gráfico 72 - Jornada média no trabalho por conta própria por sexo (horas - 2019-2022)

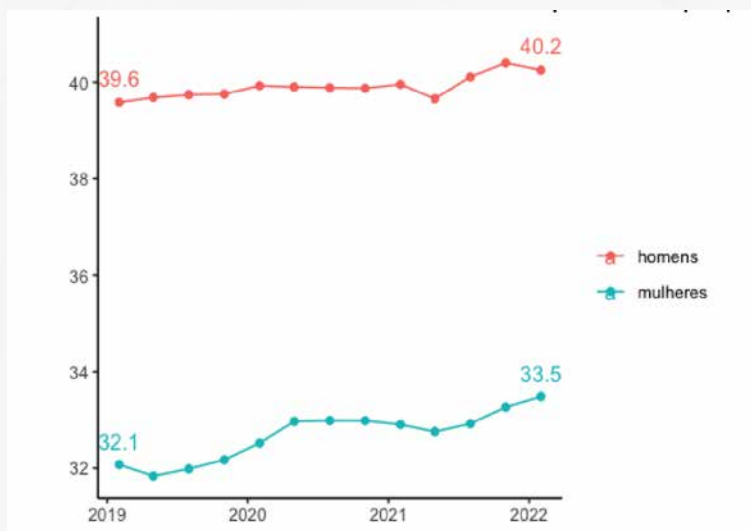


Gráfico 73 - Jornada média no trabalho por conta própria por raça-cor (horas - 2012-2015)

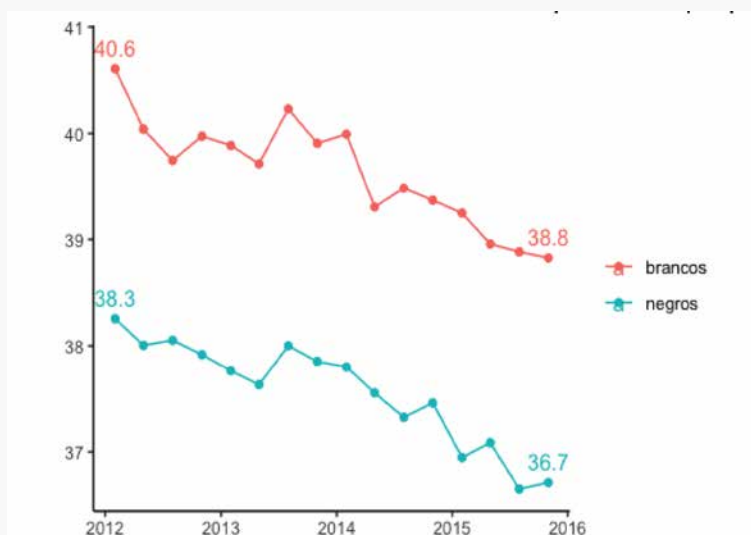
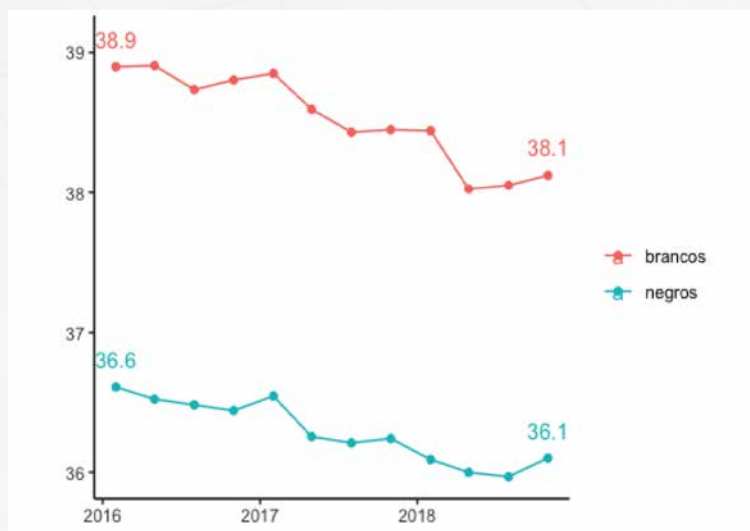
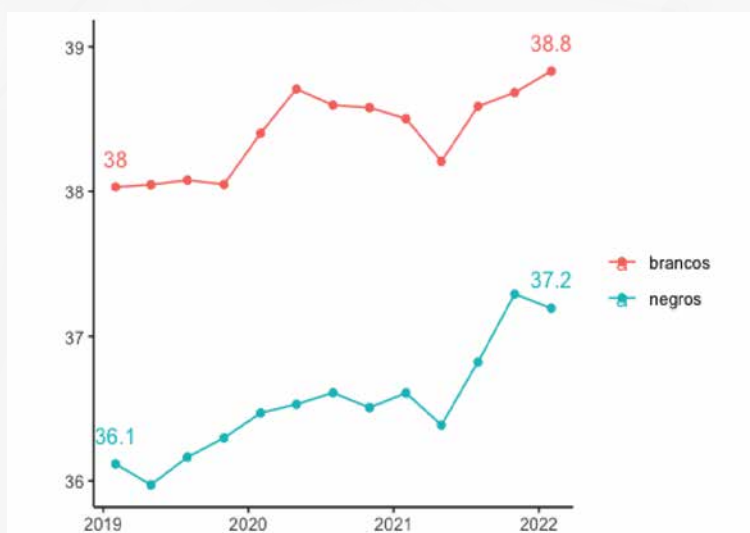


Gráfico 74 - Jornada média no trabalho por conta própria por raça-cor (horas - 2016-2018)**Gráfico 75 - Jornada média no trabalho por conta própria por raça-cor (horas - 2019-2022)**

SÍNTESE DOS RESULTADOS E OBSERVAÇÕES ADICIONAIS

Esta seção final apresenta a síntese das descobertas da pesquisa, em diálogo com as etapas anteriores do projeto; além disso, apontam-se aqui tópicos para a continuidade da investigação.

O relatório finaliza a quarta etapa do projeto “Informalidade e discriminação racial e de gênero no trabalho “por conta própria” no Brasil”, investigação do Laboratório de Sociologia do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com a Fundação Perseu Abramo e a Rede Brasil Afroempreendedor (Reafro).

Etapas anteriores estudaram, sucessivamente: a) a configuração das desigualdades estruturais de gênero, raça-cor, território e classe no trabalho por conta própria, a partir de dados da PNAD-C do terceiro trimestre de 2019, antes do surgimento da pandemia de Covid-19; b) o impacto da

circulação do conceito de empreendedorismo nas periferias brasileiras, a partir de entrevistas com ativistas que se dedicam a apoiar pequenos negócios nas regiões mais pobres das metrópoles do país, parte dos quais se configura como trabalho por conta própria; e c) uma agenda para políticas públicas capaz de ao mesmo tempo combater as desigualdades estruturais e gerar renda e novos empregos no “trabalho sem patrão”, categoria sugerida para classificar a parte dos conta própria que lidera pequenos negócios.

A quarta etapa teve por objetivo complementar, com um olhar diacrônico, as descobertas da primeira, que em análise sincrônica constatou os efeitos das desigualdades entrecruzadas inclusive sobre o trabalho por conta própria, muitas vezes descrito como o conjunto mais frágil e precário de atividades e ocupações. Se no primeiro estudo olhamos apenas os dados de um trimestre de 2019 na PNAD-C, aqui o desafio foi interpretar tudo o que aconteceu entre o primeiro trimestre de 2012 (início dessa versão da PNAD) e o primeiro trimestre de 2022 (último disponível quando da realização da pesquisa).

O texto analisa transformações no trabalho por conta própria no Brasil, também observadas sob a chave das desigualdades estruturais de classe, raça-cor e gênero, durante três períodos: o final do ciclo do lulismo, entre 2012 e 2015; o ciclo do golpe contra o governo de Dilma Rousseff, entre 2016 e 2018; e o ciclo da peste, de 2019 a 2022, no qual se sobrepuseram a Covid-19 e o mandato presidencial de Jair Bolsonaro.

A interpretação aponta para as seguintes conclusões principais: a) o trabalho por conta própria foi fortemente afetado pelos efeitos combinados, sobre o mercado de trabalho, da instabilidade política, das mudanças na legislação trabalhista, das políticas neoliberais e da pandemia do coronavírus; b) tais fenômenos produziram deterioração no conjunto do mercado de trabalho, queda na renda, intensificação e alongamento das jornadas, que se haviam reduzido fortemente nos dois primeiros ciclos; c) paradoxalmente, o período foi marcado por redução contínua das diferenças nas rendas de homens e mulheres, pessoas negras e não-negras, sugerindo que a precarização produz indesejável igualdade em circunstâncias de empobrecimento.

Os dados da PNAD-C na década entre 2012 e 2022 revelam o quanto essa parcela da classe trabalhadora brasileira sofreu por conta da combinação entre crise sociopolítica e econômica, medidas neoliberais de redução de direitos e reconfiguração da economia, ascensão da extrema-direita ao poder e pandemia de Covid-19. No começo de 2022, quem vivia do trabalho por conta própria recebia o mesmo valor nominal por hora de trabalho do começo de 2012 - mas a inflação acumulada no período foi de 85%. Ou seja: deu-se um brutal achatamento do poder de compra dessa parcela da classe trabalhadora.

Combinadas, as quatro etapas do projeto “Informalidade e discriminação racial e de gênero no trabalho “por conta própria” no Brasil” oferecem novas interpretações sobre os efeitos das desigualdades estruturais sobre esse tipo de atividade, em suas conexões com a circulação social das ideologias associadas à noção de empreendedorismo. Em contraponto, o projeto propôs uma agenda de políticas públicas para apoiar as atividades dos conta própria nas periferias e fortalecer a economia popular comunitária, e ao mesmo tempo combater as discriminações de classe, gênero, território e raça-cor.

Permanece uma lacuna (tanto para a compreensão do tema, como para a implementação de políticas) aperfeiçoar o entendimento da conexão entre a estrutura de discriminações e as dimensões regional e territorial. Em etapa anterior da pesquisa, observamos como as desigualdades regionais se combinam com aquelas de classe, gênero e raça-cor, mas dois aspectos ainda permanecem pouco elaborados. O primeiro é refletir sobre como as desigualdades regionais repercutem em xenofobia ou outras formas de discriminação contra o trabalho dos.das conta própria, desafio que demanda urdidura teórico-metodologia específica. O segundo aspecto é pensar como potencializar as particularidades de cada região-território no sentido de contribuir para a redução das desigualdades (priorizando, por exemplo, as vocações produtivas históricas).

A continuidade das investigações sobre o tema, a nosso juízo, comporta sobretudo o desafio de desenvolver as inovações relacionadas à agenda. Ainda que a implantação de políticas públicas escape ao alcance de grupos de pesquisa, a elaboração dos instrumentos necessários às políticas é compatível com o trabalho acadêmico. Especificamente, sugerimos que as universidades federais podem ser agentes importantes para o fortalecimento da economia popular comunitária e o combate às desigualdades entrecruzadas. Para tanto, podem conceber metodologias multidisciplinares de apoio a pequenos negócios e sistemas de governança que conectem as instituições de ensino superior às comunidades de periferia em que poderão implementá-las. A concepção de tais metodologias, sua implantação em regime experimental e a observação etnográfica de ambos os processos (concepção e implantação) constituem desafios cruciais.

REFERÊNCIAS

MICK, J.; NOGUEIRA, J. C.. Emancipação, autoestima e confiança na comunidade: Iniciativas e demandas de políticas para fortalecer as pequenas empresas e o trabalho por conta própria nas periferias. Florianópolis; São Paulo: UFSC/Reafro/Fundação Perseu Abramo, 2021b. (Relatório de pesquisa).

MICK, J.; NOGUEIRA, J. C.. Nas dobras da precariedade: Desigualdades regionais, de gênero, raça e classe no trabalho “por conta própria” no Brasil - um olhar para a PNAD Contínua. Florianópolis; São Paulo: UFSC/Reafro/Fundação Perseu Abramo, 2021a. (Relatório de pesquisa).

ANEXO

Dados sobre massa de renda na PNAD-C (2012-2022)

Gráfico 76 - Massa de renda da força de trabalho total por sexo (R\$ bilhões - 2012-2015)

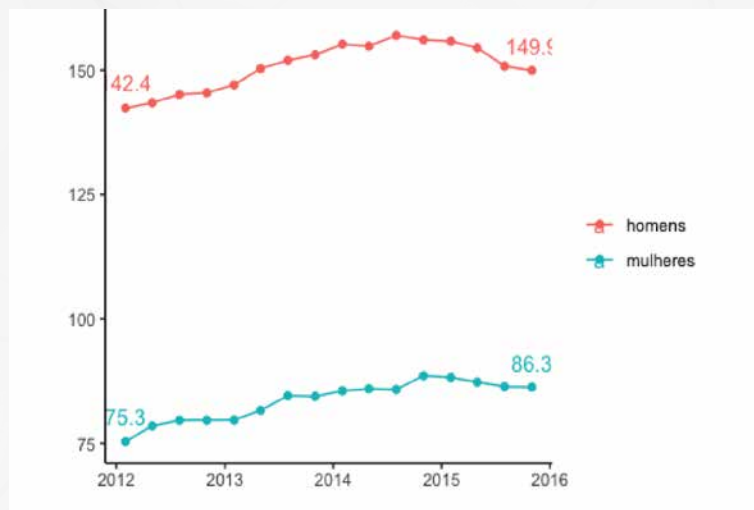


Gráfico 77 - Massa de renda da força de trabalho total por sexo (R\$ bilhões - 2016-2018)

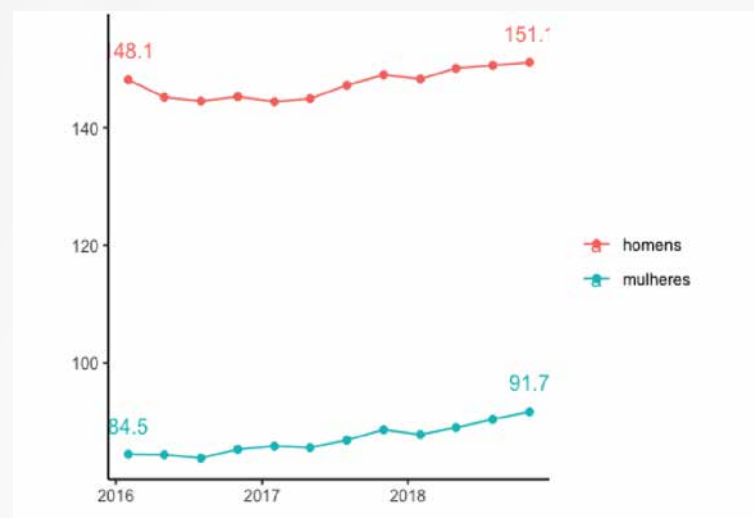


Gráfico 78 - Massa de renda da força de trabalho total por sexo (R\$ bilhões - 2019-2022)

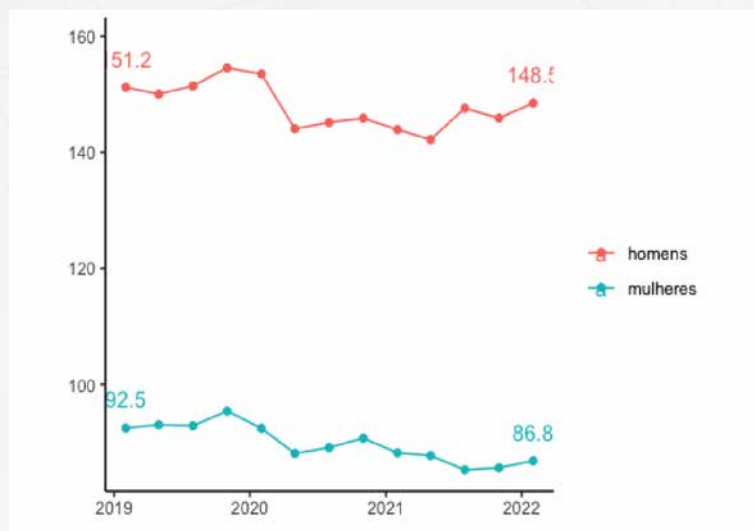


Gráfico 79 - Massa de renda da força de trabalho total por raça-cor (R\$ bilhões - 2012-2015)

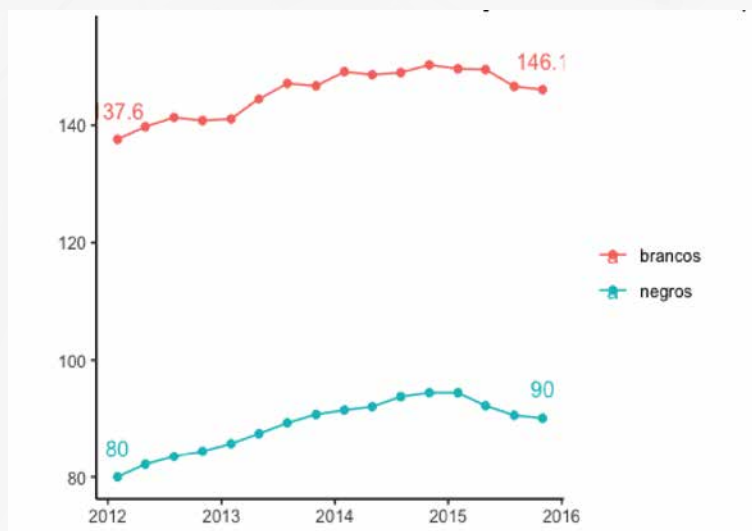


Gráfico 80 - Massa de renda da força de trabalho total por raça-cor (R\$ bilhões - 2016-2018)

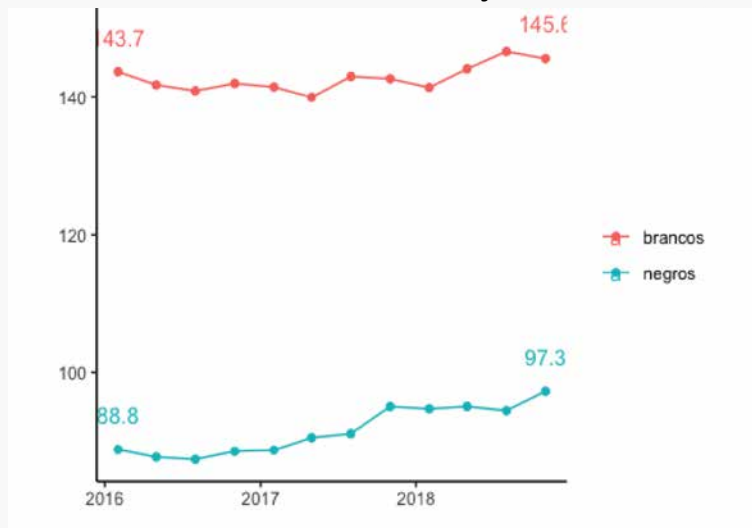


Gráfico 81 - Massa de renda da força de trabalho total por raça-cor (R\$ bilhões - 2019-2022)

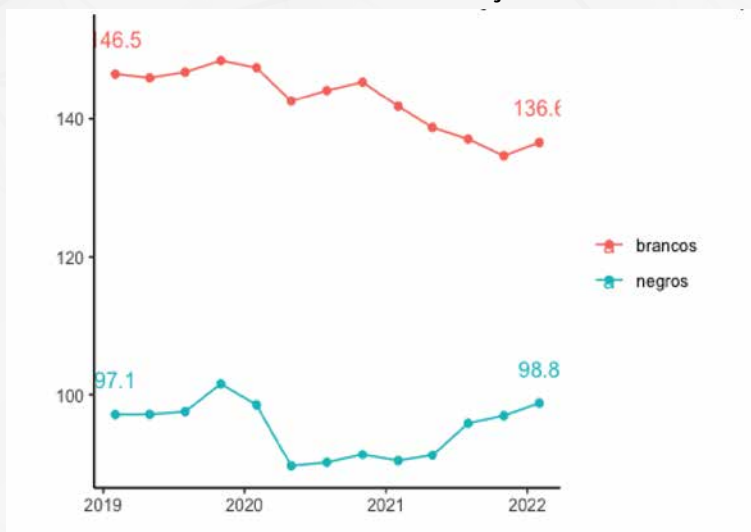


Gráfico 82 - Massa de renda do trabalho por conta própria (R\$ bilhões - 2012-2015)

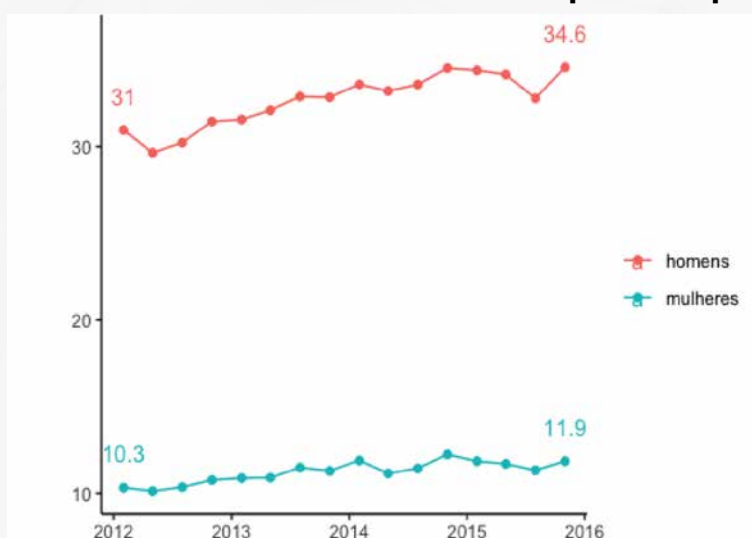


Gráfico 83 - Massa de renda do trabalho por conta própria (R\$ bilhões - 2016-2019)

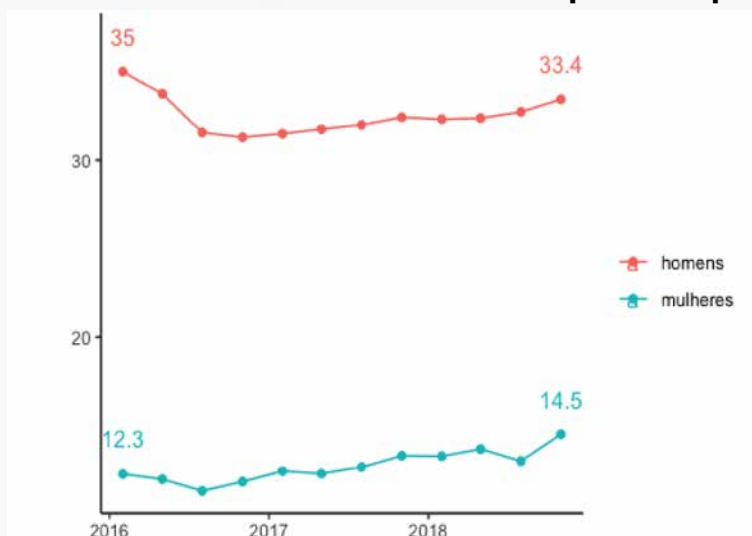


Gráfico 84 - Massa de renda do trabalho por conta própria (R\$ bilhões - 2019-2022)

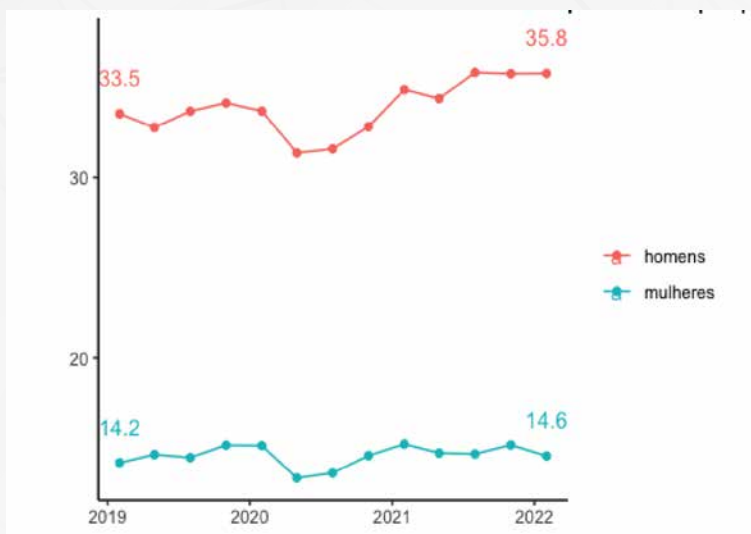


Gráfico 85 - Massa de renda da força de trabalho total por raça-cor (R\$ bilhões - 2012-2015)

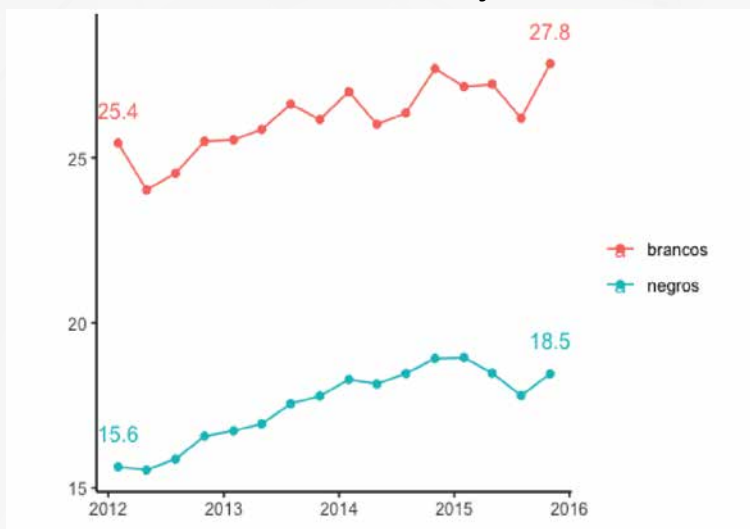


Gráfico 86 - Massa de renda da força de trabalho total por raça-cor (R\$ bilhões - 2016-2018)

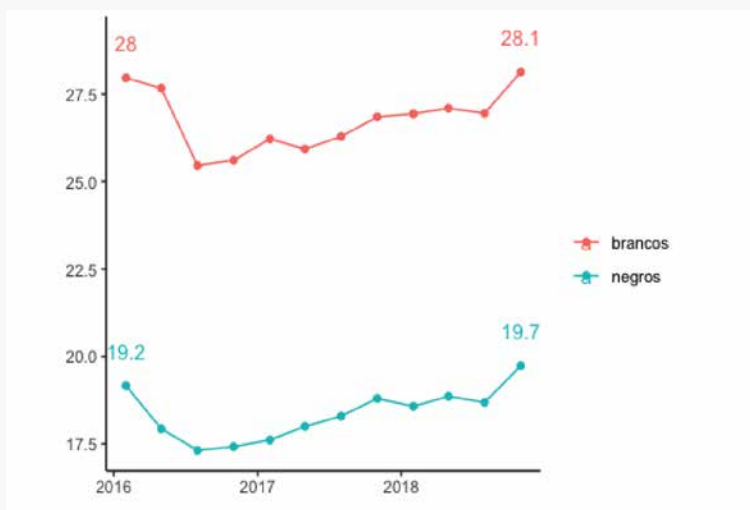


Gráfico 87 - Massa de renda da força de trabalho total por raça-cor (R\$ bilhões - 2019-2022)